



O VÉU DA ILUSÃO

Histórias de Quem Acordou a Meio

VIVIANNE DOS SANTOS

O Véu da Ilusão

Histórias de Quem Acordou a Meio

Vivianne dos Santos

Copyright © 2026 Vivianne dos Santos

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são produto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia.

Primeira edição: Janeiro 2026

Para quem ainda procura

a coragem de escolher.

PARTE I

Sara acordou três minutos antes do despertador, como sempre acontecia há tanto tempo que já não se lembrava de ter sido diferente. A luz ainda não entrava completamente pela janela, apenas aquela claridade difusa que precede o amanhecer e que transforma os objectos em silhuetas imprecisas, suspensas entre a noite e o dia. Ficou deitada, imóvel, a olhar para o tecto branco onde uma fissura fina atravessava o canto esquerdo — notara-a pela primeira vez há dois anos, ou talvez três, e desde então acompanhava-a todas as manhãs como quem observa uma companhia silenciosa que nunca muda.

O corpo reconhecia a hora sem precisar de confirmação externa, um mecanismo treinado ao longo de anos de repetição que dispensava vontade ou intenção. Virou-se devagar para o lado direito, evitando fazer ruído, embora soubesse que Miguel já não acordava com facilidade e que poderia levantar-se sem cerimónia. Mas o gesto era automático, uma consideração aprendida que se mantinha mesmo quando deixara de ser necessária.

A casa estava silenciosa, apenas o som longínquo de um carro que passava na avenida, e Sara levantou-se com a precisão de quem executa um ritual tantas vezes ensaiado que já não requer pensamento. Pés no chão frio, chinelos ao lado da cama exactamente onde os deixara na noite anterior, roupão pendurado na cadeira. Caminhou até à casa de banho, fechou a porta sem trancar — nunca trancava —, abriu a torneira e deixou a água correr enquanto olhava para o espelho sem verdadeiramente se ver, apenas verificando que tudo continuava no lugar esperado.

Quando desceu para a cozinha, a luz do candeeiro sobre a mesa já acendia automaticamente, um sensor instalado por Miguel há anos que ela nunca pedira mas que aceitara sem resistência. Aproximou-se da cafeteira, pegou no filtro, mediu duas colheres de café como fazia todas as manhãs, encheu o depósito de água, carregou no botão. O som da máquina a aquecer preenchia o silêncio de forma quase reconfortante, um ruído familiar que sinalizava o início de mais um dia igual aos anteriores.

Enquanto esperava, apoiou-se ao balcão e cruzou os braços, olhando pela janela para o pequeno quintal onde uma árvore antiga estendia os ramos nus contra o céu que começava a clarear. Foi então que o pensamento a atravessou, súbito e estranho, sem aviso: Quando foi que escolhi tomar café em vez de chá?

A pergunta instalou-se com uma insistência incômoda, desproporcional à sua irrelevância aparente. Tentou lembrar-se — houve algum momento em que decidira, conscientemente, que preferia café? Ou simplesmente começara a fazê-lo porque era o que Miguel bebia, ou porque era o que se bebia numa casa de adultos funcionais, ou porque alguém lhe oferecera uma vez e ela aceitara e depois nunca mais parara?

A cafeteira apitou. Sara pegou na chávena, serviu o café, inalou o aroma que devia ser agradável mas que lhe provocava apenas uma sensação neutra, nem prazer nem desagrado. Levantou a chávena até aos lábios, mas não bebeu. Ficou ali parada, segurando o café quente entre as mãos, sentindo o calor a penetrar-lhe a pele, e percebeu — com uma clareza estranha e perturbadora — que não lhe apetecia.

Não lhe apetecia aquele café. Talvez nunca lhe tivesse apetecido verdadeiramente.

Caminhou até ao lava-loiça e despejou o líquido escuro pelo cano, observando-o desaparecer em espiral. Depois pousou a chávena vazia no balcão e ficou imóvel, as mãos ainda quentes do contacto com a porcelana, sem saber bem o que acabara de fazer ou porquê.

* * *

Miguel entrou na cozinha descalço, o cabelo despenteado, os olhos ainda semi-cerrados. Acenou vagamente na direcção de Sara e dirigiu-se directamente à cafeteira, onde serviu uma chávena cheia sem dizer palavra. Só depois se virou, apoiou-se ao balcão do lado oposto e bebeu um gole longo antes de falar.

— Dormiste bem?

Sara olhou para ele, reparando como a pergunta saía automática, uma fórmula social aplicada mesmo dentro do casamento, mesmo na cozinha partilhada, mesmo depois de tantos anos.

— Dormi — respondeu, e a resposta também era automática, simétrica, funcional.

Miguel acenou, bebeu mais café, pegou no telemóvel que trouxera consigo e desbloqueou o ecrã, os olhos já capturados pelo fluxo de notificações matinais. Sara observou-o enquanto ele deslizava o polegar distraidamente, absorvido por algo que ela não conseguia ver nem perguntaria.

— Tens reunião hoje? — perguntou ela, embora já soubesse a resposta, embora a pergunta servisse apenas para preencher o silêncio que de outra forma se instalaria entre eles como uma presença física.

— Tenho. Às dez. Apresentação do novo produto. — Miguel não levantou os olhos do ecrã. — E tu?

— Também. Revisão de projecto.

Ele acenou novamente, um gesto breve que podia significar interesse ou apenas reconhecimento de que ela falara. Sara não sabia distinguir, e talvez já não importasse.

Ficaram assim alguns minutos, cada um ocupado com a própria rotina silenciosa, até Miguel terminar o café, poisar a chávena no lava-loiça sem a lavar e anunciar que ia vestir-se. Sara ouviu-o subir as escadas, os passos conhecidos no soalho que rangia sempre no mesmo sítio, e ficou sozinha na cozinha, de pé junto ao balcão, as mãos vazias.

Quantas vezes dissemos isto sem olhar um para o outro?

A pergunta formou-se sozinha, inesperada, e Sara sentiu uma coisa estranha a instalar-se no peito — não era tristeza, não era raiva, era algo mais subtil e mais inquietante: a percepção súbita de que aquela conversa poderia ter acontecido entre duas pessoas quaisquer que partilhassem o mesmo espaço por acaso, não por escolha.

Abanou a cabeça, como se pudesse dispersar o pensamento, e começou a arrumar a cozinha com a mesma eficiência mecânica de sempre.

* * *

O trânsito estava exactamente como esperado — nem fluido nem congestionado, apenas a progressão lenta e previsível de carros que seguiam o mesmo trajecto todas as manhãs, conduzidos por pessoas que também

seguiram os mesmos trajetos, nas mesmas horas, com as mesmas expressões neutras visíveis através dos vidros.

Sara conduzia no piloto automático, as mãos no volante a executarem curvas e mudanças de faixa sem que a mente precisasse de intervir. Conhecia cada semáforo, cada cruzamento, cada buraco na estrada que exigia uma pequena correção. Passara por ali tantas vezes que o percurso se gravara no corpo, dispensando atenção consciente.

Reparou — e foi estranho reparar, porque normalmente não reparava em nada — que fazia sempre o mesmo caminho. Não por ser o mais rápido, porque havia alternativas. Não por ser o mais bonito, porque não era. Simplesmente porque era o que fizera no primeiro dia, e depois repetira, e nunca mais mudara.

Quando foi a última vez que escolhi uma rua diferente?

A pergunta veio na sequência da outra, a do café, e Sara sentiu uma espécie de vertigem suave, como se o chão se inclinasse ligeiramente debaixo dos pés. Não era medo, era reconhecimento — reconhecimento de um padrão que sempre estivera ali mas que só agora se tornava visível.

* * *

O escritório estava silencioso quando Sara entrou, apenas o zumbido discreto do ar condicionado e o som longínquo de alguém a falar ao telefone numa sala fechada. Era cedo ainda, e a maioria dos colegas só chegaria meia hora depois, mas Sara preferia assim — chegar antes, instalar-se sem pressas, preparar o dia com a antecedência que lhe dava uma ilusão de controlo.

Acenou à recepcionista, que lhe devolveu o gesto sem interromper a conversa telefônica, e caminhou até ao seu gabinete no segundo piso. Pousou a mala na cadeira, ligou o computador, ajustou a altura do monitor exactamente como fazia todos os dias, embora nunca precisasse de ajuste porque ninguém mexia na sua secretária.

— Sara.

Virou-se. Marta estava encostada ao umbral da porta, de braços cruzados, a observá-la com uma expressão que Sara não conseguiu decifrar de imediato.

— Bom dia — disse Sara, e algo na própria voz lhe soou estranho, demasiado controlado, demasiado neutro.

Marta não respondeu logo. Ficou ali, a olhar para ela com uma atenção que parecia atravessá-la, como se procurasse algo que Sara não sabia estar a esconder.

— Estás bem? — perguntou finalmente Marta, e havia uma insistência subtil na pergunta, uma preocupação genuína que Sara não sabia como receber.

— Estou — respondeu automaticamente, e depois acrescentou, porque parecia necessário: — Porque perguntas?

Marta hesitou.

— Não sei. Pareces... diferente.

— Diferente como?

— Não sei explicar. — Marta descruzou os braços, mas não entrou. — Só... diferente.

Sara forçou um sorriso, um gesto social treinado que devia tranquilizar.

— Estou ótima. Só cansada.

Marta acenou devagar, mas não pareceu convencida. Ficou ali mais alguns segundos, como se esperasse que Sara dissesse mais alguma coisa, e depois murmurou um “ok” baixo e afastou-se.

Sara ficou sozinha no gabinete, sentada à secretária, a olhar para o ecrã ainda negro do computador que não terminara de arrancar.

Estou?

A pergunta instalou-se sem aviso, pequena e persistente.

Estou bem?

Não sabia responder.

PARTE II

A sala de reuniões estava demasiado fria, como sempre acontecia nas manhãs de segunda-feira quando o sistema de climatização compensava em excesso o calor acumulado do fim-de-semana, e Sara entrou devagar, os sapatos a produzirem um som abafado contra o tapete industrial que cobria o chão e que tinha a textura áspera de algo funcional mas sem ambição estética.

Ocupou o seu lugar habitual junto à janela, não porque preferisse aquela posição ou porque a luz natural lhe facilitasse o trabalho, mas porque fora ali que se sentara na primeira reunião, anos antes, talvez seis ou sete, já não se lembrava ao certo, e desde então nunca mais mudara, e ninguém nunca sugerira que mudasse, e o território silenciosamente demarcado pela repetição tornara-se facto consumado, inquestionável, permanente.

Os outros colegas entraram em sequência previsível — Marta à sua esquerda, João em frente, Teresa ao lado de Carlos, cada um ocupando o mesmo lugar que ocupava sempre, como se houvesse um mapa invisível que todos consultavam inconscientemente antes de se sentarem.

Marta acenou para Sara com um sorriso breve, e Sara devolveu o gesto com a mesma brevidade educada, e depois todos ficaram em silêncio à espera que Carlos comesse, o que ele fazia sempre exactamente três minutos depois da hora marcada, uma pontualidade paradoxal que consistia em chegar sistematicamente atrasado mas sempre pelo mesmo intervalo, transformando o atraso em padrão e portanto em nova forma de pontualidade.

Carlos folheava papéis com uma concentração que Sara reconhecia como superficial, o gesto de quem ainda não organizara completamente as ideias mas precisava de aparentar controlo, e quando finalmente levantou os olhos e os pousou sobre a mesa, pousou também as mãos espalmadas sobre a

superfície num movimento que anunciava o início formal da reunião, uma marcação territorial subtil que estabelecia autoridade sem precisar de a verbalizar.

Começou a falar sobre o novo projecto para a zona ribeirinha de Mora, um empreendimento misto de habitação e comércio que exigiria coordenação entre os departamentos de arquitectura e design, prazos apertados que implicariam horas extra, e — sublinhou com uma pausa calculada que obrigava todos a prestarem atenção — uma abordagem criativa suficientemente diferenciadora para posicionar a Arcus acima da concorrência crescente que começava a disputar os mesmos concursos públicos.

Sara ouvia sem ouvir verdadeiramente, o olhar fixo num ponto impreciso algures entre a parede branca e o projector desligado que pendia do tecto como um objecto sem função à espera de justificação, e a mente processava as palavras de Carlos numa camada superficial que bastava para acompanhar o essencial sem precisar de mergulhar na substância, uma técnica que desenvolvera ao longo dos anos e que lhe permitia estar presente sem estar realmente presente, funcionar sem precisar de investir energia emocional ou intelectual além do mínimo operacional.

Conhecia aquele tom, aquela cadência, aquela forma de estruturar a informação como quem vende uma ideia que ainda não está completamente formada mas que precisa de parecer inevitável, e já assistira a dezenas de reuniões idênticas, talvez centenas, e o padrão repetia-se com uma regularidade que dispensava atenção total, que permitia que metade da consciência ficasse noutra lugar, num lugar vago e indefinido onde os pensamentos flutuavam sem direcção específica.

Carlos terminou a exposição inicial e virou-se directamente para Sara, os olhos expectantes, e disse com uma naturalidade que não admitia hesitação:

— Precisamos de definir o conceito até sexta-feira. Tu és a mais experiente neste tipo de projecto. O que achas?

A pergunta chegou sem aviso, embora Sara soubesse que chegaria eventualmente porque chegava sempre, e ficou suspensa no ar como um objecto físico à espera de ser agarrado, enquanto todos os olhares se voltavam para ela com aquela expectativa silenciosa mas densa que exigia resposta imediata, competente, que confirmasse a sua autoridade técnica construída ao longo de anos de entregas pontuais e soluções eficazes que nunca decepcionavam mas também nunca surpreendiam verdadeiramente.

Sara abriu a boca, e a resposta saiu automática, treinada, polida pela repetição:

— O que fizer sentido para a equipa.

Houve uma pausa breve, talvez dois segundos, mas suficientemente longa para se tornar perceptível, e Carlos franziu ligeiramente o sobrolho, não com desagrado ou impaciência, mas com uma curiosidade genuína que Sara não esperava e que a apanhou ligeiramente desprevenida, como se ele tivesse detectado algo na resposta que ela própria não sabia estar a comunicar.

— Mas tu, pessoalmente — insistiu Carlos, inclinando-se ligeiramente para a frente —, o que achas? Que direcção seguirias se a decisão dependesse apenas de ti?

E ali, naquele segundo em que todos esperavam que ela elaborasse, que defendesse uma visão clara, que imprimisse a sua marca no projecto e demonstrasse o valor que justificava a sua posição sénior, Sara percebeu com uma clareza estranha e profundamente perturbadora que não sabia responder. Não era que não tivesse opinião técnica — tinha, claro, anos de experiência garantiam-lhe competência suficiente para propor soluções viáveis —, mas percebeu que a sua primeira reacção nunca era o que ela verdadeiramente pensava, era o que calculava que os outros queriam ouvir, o

que encaixava melhor no consenso esperado, o que minimizava a possibilidade de conflito e maximizava a probabilidade de aprovação silenciosa e confortável.

— Está bem para mim qualquer abordagem que a equipa prefira — disse finalmente, e a frase saiu com a mesma neutralidade educada de sempre, mas desta vez sentiu o peso dela, a sua vacuidade estrutural, a forma como ocupava espaço sonoro sem dizer verdadeiramente nada, sem assumir posição, sem existir para além da função de preenchimento protocolar.

Carlos acenou devagar, não inteiramente satisfeito mas aceitando a resposta como suficiente dentro dos padrões de funcionamento habituais, e virou-se para João para fazer a mesma pergunta, e a reunião continuou com contributos de outros colegas que falavam com uma convicção que Sara não sabia se era genuína ou também ela automatizada, e Sara ficou ali sentada, imóvel excepto pelos gestos mínimos de anuência educada, a ouvir as vozes à sua volta como se viessem de muito longe, filtradas através de uma distância física impossível mas emocionalmente precisa.

Quando foi a última vez que dei uma opinião SEM calcular primeiro o que queriam ouvir?

A pergunta instalou-se sem aviso, pequena mas persistente, e Sara tentou afastá-la, concentrar-se no que João dizia sobre modulação espacial e uso de materiais sustentáveis, mas a pergunta não se deixava dispersar, crescia com a insistência irritante de algo que quanto mais se tenta ignorar mais presente se torna, e quanto mais pensava na pergunta mais se apercebia de que não conseguia lembrar-se de uma única ocasião recente em que tivesse defendido uma ideia sua contra resistência, em que tivesse dito "discordo" sem suavizar imediatamente a discordância com justificações conciliadoras, em que tivesse assumido uma posição firme que pudesse gerar desconforto ou desaprovação.

Olhou para as próprias mãos pousadas sobre a mesa, dedos entrelaçados com uma precisão geométrica involuntária, unhas cuidadas e neutras, sem anéis excepto a aliança de ouro branco que usava há quinze anos e que deixara há muito de notar como presença física, transformada em extensão do corpo que só se tornaria visível pela ausência.

Eram mãos competentes, mãos que desenhavam linhas precisas, que assinavam contratos com caligrafia legível, que cumprimentavam clientes com o aperto firme mas não excessivo que comunicava profissionalismo sem agressividade, que faziam tudo o que era suposto fazer dentro dos padrões socialmente estabelecidos. Mas eram também mãos que nunca tinham erguido em gesto brusco para interromper alguém e dizer "não concordo absolutamente", que nunca tinham batido na mesa com força suficiente para marcar território ou defender convicção, que nunca tinham tremido visivelmente de raiva ou de paixão ou de qualquer emoção suficientemente intensa para quebrar o controlo aprendido e tornarse vulnerável, exposta, autêntica.

A reunião terminou trinta minutos depois com uma distribuição de tarefas que Sara aceitou com a mesma aquiescência automática de sempre, acenando concordância enquanto Carlos enumerava prazos e responsabilidades, e quando todos se levantaram e começaram a dispersar-se em direcção aos respectivos gabinetes, Marta aproximou-se de Sara, inclinou-se ligeiramente, e murmurou numa voz baixa que apenas Sara conseguia ouvir:

— Estás estranha hoje.

Sara virou-se, e Marta olhava para ela com uma atenção que não era intrusiva mas também não era casual, uma atenção que parecia procurar algo específico que Sara não sabia estar a comunicar através da linguagem corporal ou das micro-expressões faciais que supostamente todos emitimos involuntariamente mas que raramente alguém se dá ao trabalho de decifrar.

— Estou bem — respondeu Sara, e a resposta saiu automática, um reflexo verbal treinado até se tornar indistinguível da verdade.

Marta hesitou, os olhos ainda fixos em Sara como se estivesse a decidir se insistia ou se aceitava a resposta pelo valor facial, e depois acenou devagar, murmurou um "ok" que soava mais a desistência temporária do que a convicção, e afastou-se lentamente, olhando para trás uma vez antes de desaparecer no corredor.

Sara ficou sozinha na sala de reuniões vazia, ainda de pé junto à mesa, as cadeiras desocupadas à sua volta como testemunhas mudas de conversas que aconteceram e se dissiparam sem deixar marca física, e caminhou até à janela, colocou a mão espalmada contra o vidro frio, e olhou para a cidade lá em baixo onde pessoas se moviam nas ruas com propósito aparente, entrando e saindo de edifícios, atravessando passadeiras, gesticulando em conversas telefónicas, todos parecendo saber para onde iam e porquê, e perguntou-se quantas daquelas pessoas também viviam no automático, quantas também tinham deixado de saber o que realmente queriam porque passaram tempo demais a calcular o que os outros esperavam, quantas também respondiam a perguntas importantes com variações sofisticadas de "tanto faz", e se isso era normal ou se era sintoma de algo que não tinha nome mas que começava a sentir como peso físico instalado permanentemente no peito.

* * *

Marta apareceu à porta do gabinete de Sara quarenta minutos depois, duas chávenas de café humeante nas mãos, e entrou sem pedir licença nem esperar convite, o que era habitual entre elas desde que começaram a trabalhar juntas seis anos antes em projectos que exigiam coordenação constante entre arquitectura e design de interiores e que tinham criado uma familiaridade

funcional que ocasionalmente se aproximava de amizade verdadeira embora nenhuma das duas alguma vez tivesse testado os limites dessa relação fora do contexto profissional.

— Posso? — perguntou Marta, já sentada na cadeira em frente à secretária de Sara, estendendo-lhe uma das chávenas com um gesto que misturava oferta e inevitabilidade.

Sara aceitou o café, agradeceu com um aceno breve que dispensava palavras, e Marta ficou ali alguns segundos em silêncio absoluto, não o silêncio confortável de quem partilha espaço sem pressão de preenchimento verbal, mas um silêncio denso e observador que transformava a pausa numa forma de interrogatório subtil, e Sara começou a sentir-se examinada não de forma invasiva ou hostil mas com uma precisão quase clínica que a deixava progressivamente desconfortável, como se Marta estivesse a ver algo que ela própria ainda não tinha nomeado ou talvez não quisesse nomear.

— O que se passa contigo? — perguntou finalmente Marta, abandonando qualquer tentativa de abordagem indirecta, a voz baixa mas firme, sem agressividade mas também sem espaço para evasão.

Sara bebeu um gole de café que lhe queimou ligeiramente a língua, ganhou três segundos de tempo enquanto o líquido descia pela garganta deixando um rasto quente e amargo, e respondeu com a mesma frase que usara incontáveis vezes nas últimas semanas sempre que alguém demonstrava preocupação ou curiosidade:

— Nada de especial. Só cansaço acumulado.

Marta inclinou a cabeça ligeiramente para o lado, um gesto que em qualquer outra pessoa poderia parecer condescendente mas que nela transmitia apenas atenção genuína, os olhos castanhos escuros fixos em Sara com uma intensidade que recusava aceitar respostas pré-fabricadas, e não disse nada

durante tanto tempo que o silêncio começou a pesar fisicamente no ar entre elas, a exigir preenchimento, a criar uma pressão crescente que eventualmente teria de ser libertada através de palavras ou de desistência.

— Estás ausente — disse Marta finalmente, e a palavra ficou suspensa no ar como um diagnóstico médico pronunciado com certeza mas sem severidade, algo entre observação factual e preocupação velada.

— Ausente como? — Sara ouviu a própria voz sair ligeiramente defensiva, uma reacção automática contra algo que pressentiu ser verdade mas que não queria confirmar.

— Não sei explicar exactamente — disse Marta, pousando a chávena na secretária com um cuidado excessivo que denunciava que estava a escolher as palavras com precisão calculada. — É como se estivesses sempre a meio metro de distância de onde realmente estás fisicamente. Na reunião há bocado, quando o Carlos te perguntou directamente o que achavas do projecto, tu não respondeste verdadeiramente.

— Respondi — protestou Sara, mas a convicção na própria voz era fraca, quase inexistente.

— Disseste palavras tecnicamente correctas que preencheram o espaço sonoro esperado — corrigiu Marta com uma precisão que feria precisamente porque era indiscutivelmente verdadeira. — Não é a mesma coisa que responder. Responder implica haver alguém dentro das palavras, implica posição, implica presença. Tu apenas cumpriste protocolo.

Sara sentiu uma coisa estranha a instalar-se no centro do peito, algo entre irritação genuína e reconhecimento relutante, uma combinação desconfortável que não sabia como processar ou para onde dirigir, e por isso ficou quieta, imóvel, à espera que Marta desistisse, mudasse de assunto,

voltasse ao tom leve e pragmático que normalmente caracterizava as conversas entre elas e que mantinha as coisas seguras e manejáveis.

Mas Marta não desistiu. Cruzou os braços sobre o peito num gesto que não era defensivo mas sim de alguém que se prepara para permanecer ali quanto tempo for necessário, e perguntou com uma suavidade que tornava a pergunta ainda mais penetrante:

— Há quanto tempo não dizes o que realmente pensas sem calcular primeiro o impacto?

A pergunta atingiu Sara com uma força desproporcional ao seu volume sonoro, e ela sentiu os ombros tensionarem-se automaticamente, uma contracção muscular involuntária que era simultaneamente defesa física e confirmação não-verbal de que a pergunta tinha acertado em algo vital que preferia manter protegido, invisível, inofensivo.

— Digo sempre o que penso quando é relevante — defendeu-se Sara, mas enquanto as palavras saíam já sabia que eram fracas, que não convenciam nem sequer a si própria quanto mais a alguém que a observava com aquela atenção implacável.

— Então porque é que nunca discordas de ninguém? — insistiu Marta, e havia uma genuinidade na pergunta que a impedia de soar como ataque ou provocação, era curiosidade verdadeira misturada com preocupação real, e essa combinação tornava impossível descartar a questão como intromissão injustificada.

Sara abriu a boca preparada para responder, para dizer que discordava sim, que apenas escolhia bem as batalhas, que não valia a pena criar conflito desnecessário sobre questões menores, mas as palavras emperraram algures entre o cérebro e a garganta porque percebeu, com uma clareza incómoda e irreversível, que Marta tinha identificado um padrão que ela própria começara

a suspeitar mas que não quisera examinar frontalmente: não conseguia lembrar-se da última vez que tinha dito "não concordo" sem imediatamente suavizar a discordância com justificações conciliadoras, sem transformar a oposição directa em algo digerível e socialmente aceitável que não causasse desconforto nem exigisse defesa sustentada.

— Não estou a atacar-te Sara — disse Marta, a voz mais suave agora, quase gentil. — Estou genuinamente preocupada. Há meses que te vejo assim, cada vez mais... não sei, ausente é a palavra mais próxima que consigo encontrar. Pareces que estás a viver uma vida que não é tua, como se fosses actriz competente num papel que decoraste na perfeição mas que nunca escolheste interpretar.

E ali estava, formulada em voz alta, aquela observação que Marta já insinuara antes mas que desta vez pronunciou completamente, sem atenuantes, sem espaço para interpretação alternativa, e Sara sentiu algo quebrar-se ligeiramente dentro dela, não um colapso dramático mas uma fissura fina e definitiva, como vidro que racha sem se desmoronar completamente mas que nunca mais voltará a ser sólido da mesma forma, que carregará para sempre a marca invisível da fragilidade exposta.

Não soube o que responder. As defesas habituais — "tenho uma boa vida", "não me posso queixar", "há pessoas em situações muito piores" — pareciam-lhe de repente ocas e irrelevantes, frases que serviam para encerrar conversas incómodas mas que não respondiam verdadeiramente à pergunta subjacente que Marta estava a fazer e que talvez ela própria estivesse a fazer a si mesma em silêncio há mais tempo do que queria admitir.

O telefone de Marta vibrou, ela olhou rapidamente para o ecrã, fez uma cara de impaciência, e levantou-se com relutância visível.

— Tenho de ir, reunião com fornecedores que não posso adiar, mas Sara — fez uma pausa, segurou brevemente no ombro de Sara com uma firmeza que era simultaneamente conforto e alerta —, se precisares de falar verdadeiramente, não apenas trocar frases educadas que não dizem nada, estou aqui. A sério. Estou.

Saiu, e Sara ficou sozinha no gabinete, a segunda chávena de café de Marta ainda intocada sobre a secretária, libertando vapor que subia em espiral preguiçosa e depois se dissipava no ar condicionado, e Sara ficou imóvel a observar aquele vapor desaparecer enquanto tentava não pensar na pergunta que Marta deixara suspensa mas que agora ocupava todo o espaço mental disponível: *Há quanto tempo vivo uma vida que não escolhi?*

O telefone vibrou. Mensagem de Marta:

"Jantar amanhã?"

Sara olhou para o ecrã durante tanto tempo que a luz se desligou automaticamente, plangindo o telefone em negro, e quando tocou no vidro para reactivar a iluminação, respondeu sem pensar, apenas reagindo:

"Sim."

E assim que enviou percebeu que tinha feito outra vez exactamente aquilo que Marta acabara de apontar: respondera automaticamente sem sequer verificar se queria realmente jantar, se tinha disponibilidade emocional para mais uma conversa que prometia ser profunda e desconfortável, se preferia ficar sozinha ou fazer outra coisa qualquer. Simplesmente concordara porque concordar era o padrão, o caminho de menor resistência, o gesto que mantinha tudo funcionando sem obrigar a decisões verdadeiras.

* * *

Sara chegou a casa às sete e doze da tarde, sete minutos mais tarde do que o habitual devido a um semáforo que apanhou em vermelho e que a obrigou a esperar num cruzamento onde normalmente passava em amarelo esticado, e essa pequena alteração na rotina deixou-a inexplicavelmente irritada de uma forma que reconhecia como desproporcionada mas que não conseguia dissipar.

Estacionou o carro na garagem subterrânea do prédio, subiu no elevador que cheirava vagamente a produtos de limpeza industrial e a humanidade concentrada, e entrou no apartamento onde encontrou Miguel exactamente onde esperava encontrá-lo: sentado no sofá com o portátil equilibrado sobre as pernas, a luz azulada artificial do ecrã a iluminar-lhe o rosto concentrado enquanto os dedos se moviam sobre o teclado com a eficiência rápida e ritmada de quem está imerso em qualquer tarefa que não pode esperar ou talvez que prefere não adiar porque adiar implicaria levantar os olhos e reconhecer a presença de outra pessoa no mesmo espaço físico.

Ele levantou brevemente o olhar quando ela entrou, acenou com um gesto mínimo que combinava reconhecimento e dispensa simultâneos, e voltou imediatamente a baixar os olhos para o ecrã, e Sara pousou a mala no chão junto ao sofá e ficou ali parada alguns segundos, de pé na sala, a observá-lo sem ele notar que estava a ser observado, e tentou sentir algo — afecto residual, frustração, curiosidade sobre o que ele estaria a fazer com tanta concentração — mas o que sentiu foi apenas aquela neutralidade densa que se tornara a textura emocional predefinida da relação, uma ausência de intensidade que não era necessariamente má mas que também não era boa, era apenas funcional, sustentável, vazia.

— Como foi o dia? — perguntou Miguel sem levantar os olhos, a pergunta lançada no espaço entre eles como moeda atirada a um pedinte, cumprindo obrigação protocolar mínima mas sem verdadeiro interesse na resposta.

— Bem — respondeu Sara, e a palavra saiu automática, neutra, fechada. — E o teu?

— Bem também — disse Miguel, e continuou a escrever, e Sara ficou ali mais três ou quatro segundos à espera que ele elaborasse, que perguntasse algo mais específico, que demonstrasse curiosidade sobre reuniões ou projectos ou qualquer aspecto concreto da vida dela para além da confirmação genérica de que tudo funcionava dentro dos parâmetros esperados.

Mas ele não elaborou.

O diálogo tinha terminado, cumprida a sua função ritual de reconhecimento mútuo sem obrigação de envolvimento verdadeiro, e Sara atravessou a sala até à cozinha, abriu o frigorífico, olhou para o interior que continha os mesmos produtos de sempre organizados da mesma forma porque ambos tinham hábitos alimentares previsíveis que tornavam as compras uma tarefa mecânica de reposição em vez de escolha, e fechou-o novamente sem tirar nada porque percebeu que não tinha fome, não verdadeiramente, tinha apenas aquele vazio indefinido que às vezes se confunde com fome mas que comida não preenche.

Ficou encostada ao balcão, imóvel, a olhar através da abertura que ligava cozinha e sala para Miguel que continuava absorvido no portátil, completamente alheio à presença dela a três metros de distância, e tentou lembrar-se da última vez que tinham tido uma conversa que não fosse logística pura, que não girasse exclusivamente em torno de contas a pagar, compras a fazer, reparações domésticas a agendar, obrigações sociais a cumprir, horários a coordenar, todas essas coisas práticas e necessárias que mantêm uma casa a funcionar mas que não constituem relação, não criam intimidade, não geram conexão para além da conveniência de partilhar despesas e responsabilidades.

Não conseguiu lembrar-se de uma única conversa recente sobre desejos, medos, dúvidas, sonhos, frustrações, qualquer coisa que exigisse vulnerabilidade ou que revelasse interior para além da superfície educada e controlada que ambos mantinham com a mesma dedicação com que mantinham a casa limpa e as contas em dia.

Quando deixámos de ter conversas reais?

A pergunta formou-se sozinha, e Sara afastou-a porque não queria seguir aquele pensamento até ao fim, não queria descobrir que a resposta era "há muitos anos" ou "talvez sempre" ou qualquer outra verdade que tornasse insustentável continuar assim, que exigisse confronto ou mudança ou pelo menos reconhecimento explícito de que algo estava profundamente errado debaixo da aparência funcional.

Preparou o jantar — massa com molho de tomate que fez de um frasco comprado porque cozinhar a sério exigia energia que não tinha, e de qualquer forma Miguel nunca comentava a comida, nunca elogiava nem criticava, apenas comia com a mesma neutralidade educada com que fazia tudo — e quando chamou Miguel ele fechou o portátil, levantou-se, sentou-se à mesa, e comeram em silêncio quase absoluto, apenas o som metálico dos talheres a tocar nos pratos e o zumbido constante do frigorífico que precisava de manutenção mas que nenhum dos dois se dava ao trabalho de agendar.

— Tens reunião amanhã? — perguntou Sara, porque o silêncio começava a pesar de forma diferente do habitual, mais densa, mais consciente, e precisava de o quebrar mesmo que fosse com uma pergunta cuja resposta não tinha importância verdadeira.

— Tenho. Às dez — respondeu Miguel. — E tu?

— Também. Revisão de projecto.

Miguel acenou, bebeu água, voltou a concentrar-se no prato, e Sara observou-o comer enquanto fingia comer ela própria, e apercebeu-se de que estavam ali sentados frente a frente, separados por menos de um metro de mesa de madeira clara, mas que a distância real entre eles era imensurável, e que essa distância se tinha instalado tão gradualmente que nenhum dos dois notara quando deixara de ser ponte e passara a ser abismo.

Depois do jantar Miguel voltou para o sofá, ligou a televisão, e Sara ficou na cozinha a lavar a loiça com movimentos lentos e precisos, cada prato lavado e enxaguado e seco e arrumado com uma atenção exagerada que transformava a tarefa banal em ritual que ocupava mente e mãos e adiava o momento inevitável de ter de voltar para a sala e sentar-se ao lado dele e fingir que estavam juntos quando na verdade estavam apenas simultaneamente presentes no mesmo espaço físico.

Quando finalmente foi sentar-se ao lado dele no sofá, ambos pegaram nos respectivos dispositivos — Miguel no telemóvel, Sara no tablet — e ficaram assim durante uma hora ou talvez mais, lado a lado mas separados pelas telas que iluminavam os rostos com luz artificial e que criavam bolhas individuais de atenção que não se intersectavam, que não comunicavam, que existiam em paralelo sem nunca se tocarem verdadeiramente.

O telemóvel de Miguel vibrou, ele olhou para o ecrã, e Sara viu de relance o nome no topo da conversa: *Ana*.

Ele leu, os dedos moveram-se rapidamente sobre o teclado virtual a responder, e depois pousou o telefone com o ecrã virado para baixo sobre o sofá, um gesto que não era explicitamente secreto mas que também não era aberto, e Sara não perguntou quem era Ana, não perguntou o que dizia a mensagem, não perguntou nada, porque perguntar exigiria que houvesse algo entre eles que justificasse o direito de perguntar, exigiria intimidade e

confiança e interesse mútuo, e nenhuma dessas coisas existia já há tempo suficiente para que a ausência delas se tivesse normalizado completamente.

Miguel adormeceu no sofá quarenta minutos depois, a cabeça inclinada num ângulo desconfortável que de manhã lhe provocaria dor no pescoço mas que agora apenas o fazia parecer vulnerável de uma forma que quando acordado nunca parecia, e Sara ficou ali sentada ao lado dele, acordada, a ouvir a respiração lenta e regular que indicava sono profundo, e pensou com uma clareza que não tinha palavras mas que era física, palpável, instalada no centro do peito como peso permanente: *Somos duas pessoas que partilham o mesmo espaço por conveniência, não por escolha. Somos colegas de casa educados, não companheiros. E talvez sempre tenhamos sido.*

E desta vez não tentou afastar o pensamento.

* * *

O restaurante estava meio vazio quando Sara chegou, apenas cinco ou seis mesas ocupadas por casais que falavam em vozes baixas e por um grupo de quatro pessoas que celebrava algo com risos intermitentes que ecoavam pelo espaço e depois se dissipavam deixando um silêncio que parecia mais denso precisamente por ser interrompido. Marta já estava sentada junto à janela que dava para uma rua lateral onde as árvores formavam uma fileira simétrica iluminada por candeeiros públicos que projectavam sombras alongadas e tremulantes sempre que o vento agitava os ramos, e acenou quando viu Sara aproximar-se, um gesto amplo e caloroso que contrastava com a contenção habitual que ambas mantinham no escritório onde as interações eram filtradas pelo profissionalismo obrigatório e pela consciência permanente de estarem a ser observadas por colegas e superiores.

— Pedi vinho — disse Marta, apontando para os dois copos já servidos com um líquido branco pálido que reflectia a luz das velas colocadas estrategicamente sobre cada mesa para criar atmosfera romântica ou pelo menos acolhedora. — Espero que não te importes, precisava de beber qualquer coisa depois do dia de hoje.

Sara sentou-se, agradeceu com um aceno, e pegou no copo sem beber imediatamente, apenas segurando-o entre as mãos que sentiam o frio do vidro contra a pele ligeiramente húmida porque tinha caminhado depressa desde o carro até ao restaurante e o esforço mínimo tinha sido suficiente para produzir uma transpiração leve que agora arrefecia rapidamente no ambiente climatizado. Olhou para Marta que a observava com aquela atenção particular que se tornara característica nas últimas semanas, uma atenção que não era invasiva mas que também não era casual, algo a meio caminho entre preocupação genuína e curiosidade clínica, como se Marta estivesse a tentar resolver um puzzle cuja imagem final ainda não conseguia vislumbrar mas cujas peças começavam a revelar padrões reconhecíveis.

— Como correu o resto do teu dia? — perguntou Marta, e havia algo na forma como pronunciou a pergunta, uma ênfase subtil na palavra "teu" que transformava a questão de mera cortesia social em inquérito específico sobre o estado interior de Sara e não apenas sobre os eventos externos que tinha atravessado.

— Normal — respondeu Sara, e percebeu enquanto a palavra saía que era a resposta que dava sempre, uma resposta que não dizia absolutamente nada mas que cumpria a função de preencher o espaço sonoro esperado e de encerrar potencialmente a linha de questionamento sem precisar de elaborar. — Revisões de projecto, alguns emails urgentes, o habitual.

Marta acenou devagar, bebeu vinho, e ficou em silêncio durante um intervalo que se prolongou além do confortável, além do aceitável socialmente, um

silêncio deliberado que Sara reconheceu como técnica para forçar a outra pessoa a preencher o vazio com informação adicional ou pelo menos com desconforto visível que revelasse algo que as palavras não tinham revelado, e Sara resistiu ao impulso de falar só para quebrar a tensão e ficou quieta também, segurando o copo de vinho que ainda não tinha provado e que começava a aquecer ligeiramente entre as palmas das mãos.

A empregada aproximou-se com os menus, e Marta pegou no seu e começou a folhear as páginas plastificadas com fotograf

ias dos pratos principais que pareciam todos excessivamente coloridos e brilhantes de uma forma que prometia não corresponder à realidade do que seria efectivamente servido. Sara abriu o menu também mas não focou verdadeiramente no que lá estava escrito, as letras a formarem padrões abstractos que o cérebro não se dava ao trabalho de processar como linguagem significativa, apenas formas pretas sobre fundo branco que não evocavam apetite nem interesse nem qualquer reacção além de uma vaga fadiga diante da necessidade de tomar mais uma decisão, por mais trivial que fosse.

— O que vais pedir? — perguntou Marta depois de alguns minutos, baixando o menu e olhando directamente para Sara com aquela atenção que começava a tornar-se característica, uma atenção que parecia penetrar além da superfície educada e funcional que Sara mantinha com tanto cuidado.

Sara continuou a olhar para o menu sem verdadeiramente ver, e a pergunta ficou suspensa no ar à espera de resposta, e ela percebeu com uma clareza perturbadora que não sabia o que queria comer, não porque tivesse dificuldade em escolher entre opções apelativas, mas porque nada lhe parecia apelativo, nada se destacava, tudo era igualmente neutro, indiferente, vazio de significado ou de desejo.

— O que vais pedir tu? — devolveu Sara, e enquanto a pergunta saía reconheceu o padrão, o reflexo automático de transferir a decisão, de usar a escolha do outro como guia para a própria escolha, e sentiu uma irritação súbita consigo mesma por não conseguir fazer algo tão simples quanto escolher comida de um menu sem precisar de verificar primeiro o que a outra pessoa escolheria.

Marta baixou o menu devagar, pousou-o sobre a mesa, e olhou para Sara com uma expressão que combinava paciência com algo que poderia ser frustração ou talvez tristeza, era difícil distinguir.

— Sara — disse com uma suavidade deliberada —, pede o que TU quiseres. Não precisa de ser o mesmo que eu. Não precisa sequer de fazer sentido. Só precisa de ser o que te apetece neste momento.

E havia algo na forma como Marta disse aquilo, uma gentileza que não era condescendente mas que ao mesmo tempo expunha a dinâmica exacta que Sara tentava não ver, e ela sentiu o rosto aquecer ligeiramente, não de vergonha exactamente mas de algo próximo, um desconforto de ser vista a fazer aquilo que fazia automaticamente sem pensar e que agora sendo apontado se revelava como padrão, como sintoma, como evidência de algo maior que não queria nomear.

Voltou a olhar para o menu, desta vez forçando-se a ler verdadeiramente as opções, e escolheu o primeiro prato que lhe pareceu vagamente familiar, risoto de cogumelos, não porque lhe apetecesse especialmente mas porque era seguro, porque já tinha comido antes e sabia o que esperar, e porque já tinha decidido que não valia a pena prolongar aquele momento incómodo tentando identificar um desejo genuíno que provavelmente nem existia.

— Risoto de cogumelos — disse finalmente.

— Ótimo — respondeu Marta. — Eu vou pedir salmão grelhado.

Fizeram o pedido quando a empregada voltou, e depois ficaram em silêncio enquanto esperavam pela comida, um silêncio que já não era confortável como costumava ser entre elas, mas que tinha adquirido uma densidade nova, carregada de coisas não ditas que ocupavam o espaço entre as palavras, e Sara bebeu finalmente o vinho que segurava há tanto tempo, o líquido já morno e ligeiramente ácido descendo pela garganta e instalando-se no estômago vazio como calor artificial.

— Posso fazer-te uma pergunta? — disse Marta depois de um intervalo que pareceu durar muito mais do que provavelmente durou.

Sara acenou, porque recusar seria admitir medo do que quer que Marta estivesse prestes a perguntar, e Marta inclinou-se ligeiramente para a frente, as mãos cruzadas sobre a mesa, os olhos fixos em Sara com uma seriedade que transformava o restaurante meio vazio num confessionário improvisado.

— És feliz?

A pergunta saiu directa, sem preâmbulo, sem suavização, e atingiu Sara com uma força que pareceu desproporcional à simplicidade gramatical das duas palavras, e ela sentiu o corpo inteiro contrair-se ligeiramente, uma reacção instintiva de defesa contra algo que não queria examinar, que preferia manter invisível, inofensivo, enterrado sob camadas de funcionalidade e normalização.

Houve uma pausa longa. Demasiado longa. Uma pausa que em si mesma já constituía resposta.

— Acho que sim — disse Sara finalmente, e a frase saiu hesitante, experimental, como se estivesse a testar a veracidade das próprias palavras enquanto as pronunciava e a descobrir em tempo real que não soavam verdadeiras, que não convenciam nem sequer a si própria quanto mais a

alguém que a observava com aquela atenção implacável. — Porquê perguntas?

Marta não respondeu imediatamente. Pegou no copo de vinho, rodou-o lentamente entre os dedos observando o líquido dançar dentro do vidro capturando e reflectindo a luz das velas em padrões efémeros, e quando falou a voz saiu ainda mais baixa, mais cuidadosa, mais deliberada:

— Porque às vezes olho para ti e tenho a sensação de que estás a viver a vida de outra pessoa. Como se tivesses decorado um papel na perfeição e o representasses todos os dias com competência irrepreensível, mas sem nunca verdadeiramente habitares a personagem, sem nunca seres tu mesma dentro daquela vida.

E ali estava novamente aquela observação, aquela imagem que Marta já tinha usado antes mas que agora elaborava com mais detalhe, com mais especificidade, e Sara sentiu algo quebrar-se de forma mais profunda do que tinha quebrado antes, não um estilhaçar dramático mas uma fissura que se alargava lentamente, inevitavelmente, tornando impossível continuar a fingir que tudo estava sólido, que tudo estava bem, que tudo funcionava dentro dos padrões aceitáveis de normalidade.

— Tenho uma boa vida — disse Sara, e reconheceu enquanto as palavras saíam que era defesa, não afirmação, que estava a tentar convencer-se a si mesma tanto quanto a Marta. — Trabalho estável que me dá segurança financeira, casa própria, relação que funciona. Não tenho razões objectivas para me queixar.

— Mas é a TUA vida? — perguntou Marta, e a pergunta era simples mas penetrava directamente no núcleo de algo que Sara tinha evitado confrontar, algo que começara como dúvida vaga e que crescera gradualmente até se tornar certeza desconfortável que não podia mais ser ignorada. — Ou é a

vida que construístes respondendo ao que era esperado, ao que fazia sentido, ao que minimizava conflito e maximizava aprovação?

Sara ficou sem resposta. Abriu a boca preparada para defender-se, para listar argumentos que provassem que tinha feito escolhas genuínas, que tinha autonomia e autodeterminação, mas as palavras não vieram porque não conseguia identificar uma única decisão importante na sua vida adulta que tivesse sido tomada a partir de desejo genuíno em vez de resposta calculada ao que parecia ser esperado ou apropriado ou sensato segundo parâmetros externos que internalizara tão profundamente que já não conseguia distinguir o que era vontade própria e o que era conformidade sofisticada.

A comida chegou, e comeram em silêncio, e Sara percebeu que o risoto estava bem confeccionado, tecnicamente correcto, mas que não lhe sabia a nada, que poderia estar a comer cartão porque a capacidade de saborear parecia ter-se desligado juntamente com todas as outras formas de percepção sensorial que exigiam presença verdadeira em vez de funcionamento automático.

Quando a empregada veio perguntar se queriam sobremesa, ambas disseram que não, e Sara não soube se realmente não queria sobremesa ou se tinha simplesmente respondido no padrão, no reflexo, naquele automatismo que Marta acabara de expor e que agora não conseguia deixar de notar em cada pequena interacção, em cada resposta que dava sem pensar, em cada decisão que tomava por eliminação em vez de por escolha positiva.

Pagaram a conta, dividiram ao meio sem discutir porque era assim que faziam sempre, e saíram para a rua onde o ar nocturno estava surpreendentemente frio para a estação, e Marta abraçou Sara antes de se despedirem, um abraço mais demorado e mais apertado do que o habitual, e murmurou baixo directamente no ouvido de Sara:

— Se precisares de falar verdadeiramente, não apenas trocar frases educadas que não dizem nada, estou aqui. Sempre. Lembra-te disso.

Sara acenou, incapaz de articular resposta verbal que não fosse inadequada ou falsa, e ficou ali parada na rua a ver Marta afastar-se até desaparecer na esquina onde virou à esquerda em direcção ao seu carro, e depois ficou mais alguns minutos completamente imóvel a meio do passeio enquanto pessoas passavam à volta dela dirigindo-se a destinos que pareciam todos claros e intencionais, e sentiu uma coisa estranha instalar-se definitivamente no peito, uma mistura de gratidão por Marta ter visto o que ela própria começara a ver, e de pânico porque uma vez visto não podia voltar a não ser visto, porque o véu começara a cair e debaixo dele não havia a clareza libertadora que esperaria haver, apenas mais perguntas, mais incerteza, mais vazio.

* * *

Quando Sara chegou a casa Miguel já dormia ou fingia dormir, e já não tinha forma nem vontade de distinguir entre as duas possibilidades porque o resultado prático era idêntico: ausência de interacção, dispensa de necessidade de falar ou explicar ou fingir normalidade, possibilidade de atravessar as horas restantes da noite em silêncio absoluto sem precisar de justificar o próprio estado ou de perguntar sobre o estado alheio.

Tirou os sapatos junto à entrada deixando-os ali pousados de qualquer maneira em vez de os arrumar ordenadamente no armário como fazia habitualmente, um pequeno acto de desordem deliberada que não significava nada mas que lhe deu uma satisfação mínima e inexplicável, e caminhou descalça até à cozinha sentindo o soalho frio contra as plantas dos pés, uma sensação física concreta que a ancorava ao presente e que por alguma razão

lhe pareceu importante registrar conscientemente em vez de deixar passar despercebida como mais um elemento de fundo sem relevância.

Serviu um copo de água da torneira, bebeu devagar encostada ao balcão enquanto olhava para a sala mergulhada em penumbra onde a forma de Miguel se desenhava imóvel no sofá coberto por um cobertor fino, a respiração lenta e regular que indicava sono verdadeiro ou simulação perfeita, e pensou com uma clareza que era simultaneamente nova e antiga, como se fosse pensamento que sempre estivera ali mas que só agora conseguia formular explicitamente: *Há quanto tempo deixámos de partilhar algo para além de espaço físico e contas bancárias?*

A frase de Marta voltou, insistente, ocupando todo o espaço mental disponível: *Às vezes pareces que estás a viver a vida de outra pessoa.*

Sara tentou afastá-la, concentrar-se em tarefas mecânicas que não exigissem pensamento — lavar o copo, verificar se as portas estavam trancadas, preparar a roupa do dia seguinte —, mas a frase persistia, colada aos pensamentos como substância pegajosa que quanto mais se tenta remover mais se espalha, e quanto mais tentava não pensar nela mais presente se tornava, mais verdadeira, mais irrefutável.

Subiu as escadas lentamente permitindo que cada degrau rangesse sob o peso sem se preocupar em minimizar o ruído porque Miguel não acordaria e mesmo que acordasse não perguntaria nada, não demonstraria curiosidade ou preocupação, apenas acenaria sonolento e voltaria a adormecer, e essa certeza da indiferença dele era simultaneamente libertadora e profundamente desoladora de formas que Sara não sabia como processar.

Entrou no quarto sem acender a luz principal, apenas o candeeiro de cabeceira que projectava um círculo limitado de luz amarelada deixando o resto do espaço em sombras, e sentou-se na beirada da cama ainda

completamente vestida, sem energia ou vontade de iniciar o ritual de despir-se e vestir o pijama e lavar os dentes e todas as pequenas rotinas que constituíam a transição entre dia e noite.

Ficou assim durante tempo indeterminado, imóvel, a olhar para as próprias mãos pousadas sobre os joelhos, e tentou lembrar-se da última vez que tinha feito algo só porque quis, não porque fazia sentido ou porque era esperado ou porque minimizava complicações, mas porque genuinamente desejou fazer aquilo especificamente e nenhuma outra coisa, porque o impulso veio de dentro e não de fora, porque foi escolha e não resposta.

Não conseguiu identificar um único exemplo recente. Nem sequer um exemplo antigo. Toda a estrutura da sua vida adulta parecia construída sobre uma série de respostas calculadas a perguntas que outras pessoas faziam ou que a sociedade implicitamente colocava: O que vais estudar? Onde vais trabalhar? Com quem vais casar? Onde vais viver? Como vais organizar a tua vida? E ela tinha respondido a todas essas perguntas com competência, tinha dado as respostas certas que produziram os resultados esperados que culminaram numa vida que aos olhos externos parecia funcional e até invejável, mas que vista de dentro parecia oca, vazia de substância verdadeira, uma estrutura bem construída mas desabitada.

Deitou-se vestida por cima do cobertor, olhos abertos fixos no tecto onde sombras se moviam ligeiramente sempre que carros passavam na rua lá fora projectando luz através da persiana mal fechada, e ficou assim até a exaustão finalmente a vencer e o sono chegar não como descanso mas como capitulação, uma forma de inconsciência que era menos sono verdadeiro e mais desistência temporária de consciência que se tornara pesada demais para continuar a carregar.

* * *

Os quatro dias que se seguiram ao jantar com Marta passaram com uma lentidão viscosa, como se o tempo tivesse adquirido densidade física diferente, mais espessa, mais resistente, exigindo esforço consciente para atravessar cada hora em vez de deixar que deslizassem automaticamente uma atrás da outra como costumava acontecer quando a vida funcionava em piloto automático e os dias se sucediam indistintos e intercambiáveis.

Sara acordava, preparava-se seguindo a sequência exacta de gestos que repetia há anos sem variação — duche, café, roupa escolhida na noite anterior para minimizar decisões matinais, vinte e três minutos de carro até ao escritório —, mas desta vez cada gesto parecia exigir atenção consciente, como se tivesse de reaprender manualmente acções que antes executava sem pensar, e essa necessidade de presença constante deixava-a exausta antes mesmo de o dia verdadeiramente começar.

Na terça-feira Carlos passou pelo gabinete dela para perguntar como progredia o desenvolvimento do conceito para o projecto da zona ribeirinha, e Sara ouviu-se responder que ia bem, que estava a explorar algumas direcções interessantes, que teria proposta concreta até ao final da semana, e ele acenou satisfeito e afastou-se, e Sara ficou sozinha a olhar para o ecrã do computador onde não tinha desenvolvido absolutamente nada, onde não tinha sequer aberto os ficheiros relevantes, onde a única coisa que tinha feito nos últimos dias era abrir e fechar programas sem propósito claro, clicar aleatoriamente em janelas que depois minimizava sem ler o conteúdo, criar aparência de produtividade sem substância real.

Na quarta-feira Miguel perguntou casualmente durante o pequeno-almoço se ela queria ir jantar fora no sábado, e Sara disse que sim antes de processar verdadeiramente a pergunta, e ele sugeriu o restaurante italiano onde iam sempre que queriam "fazer algo diferente" mas que já há anos que deixara de ser diferente precisamente porque iam lá com tanta frequência que se tornara

tão rotineiro quanto comer em casa, e Sara concordou automaticamente, e só depois percebeu que nunca tinha dito "preferia experimentar um sítio novo" ou "e se fizessemos algo completamente diferente desta vez", e percebeu que Miguel também nunca perguntara "o que GOSTARIAS verdadeiramente de fazer", apenas propunha dentro dos parâmetros conhecidos e seguros e ela aceitava, e o padrão repetia-se com uma regularidade que dispensava negociação ou discussão ou qualquer forma de comunicação que exigisse revelação de preferências verdadeiras.

Na quinta-feira Marta enviou mensagem breve mas carregada de subtexto: *"Tudo bem?"*

Sara ficou com o telefone na mão durante tempo excessivo, o cursor a piscar na caixa de resposta vazia enquanto tentava decidir o que responder, e escreveu "Sim" mas apagou porque parecia falso demais, e escreveu "Não sei" mas apagou também porque parecia dramático demais ou talvez verdadeiro demais, e finalmente escreveu apenas "Falo contigo depois" que não dizia nada mas que adiava a necessidade de dizer algo verdadeiro, e enviou antes de poder arrepender-se.

Na sexta-feira de tarde Carlos chamou-a ao gabinete dele, e quando Sara entrou ele estava sentado à secretária com uma expressão que não era exactamente preocupada mas também não era casual, algo intermédio que sinalizava que havia assunto específico a tratar que exigia mais do que conversa de corredor mas menos do que reunião formal, e indicou a cadeira em frente à secretária num gesto que combinava convite e instrução.

— Sara — começou, e havia algo no tom que fez o estômago dela contrair-se ligeiramente, uma antecipação de notícia que sabia que mudaria algo mas que ainda não sabia se seria mudança desejada ou temida. — Precisamos de falar sobre uma oportunidade.

E Sara ficou ali sentada, imóvel, as mãos cruzadas sobre o colo, à espera que ele continuasse, e sentiu com uma clareza física que algo estava prestes a quebrar definitivamente, que a estrutura cuidadosamente mantida durante tanto tempo começara a rachar e que agora faltava apenas um pequeno empurrão para que tudo desmoronasse ou se transformasse em algo completamente diferente que ainda não conseguia antecipar mas que pressentiu seria irreversível.

PARTE III

Carlos juntou as mãos sobre a secretária num gesto que Sara reconheceu como prelúdio de anúncio importante, não necessariamente mau mas suficientemente significativo para exigir preparação psicológica antes de ser verbalizado, e respirou fundo de uma forma que parecia mais teatral do que genuinamente necessária, como se estivesse a calibrar o momento para criar impacto máximo ou talvez apenas a ganhar tempo enquanto organizava mentalmente o discurso que provavelmente já tinha ensaiado várias vezes antes desta conversa.

— Como sabes — começou finalmente, adoptando aquele tom simultaneamente profissional e paternal que usava quando queria transmitir seriedade mas também proximidade, uma combinação que Sara sempre considerara ligeiramente artificial mas que reconhecia ser eficaz em termos de gestão de equipas —, a Arcus está a expandir operações. Ganhámos três concursos públicos importantes nos últimos seis meses, e isso abre-nos portas para crescimento que há dois anos pareciam irrealistas.

Sara acenou, porque acenar era a resposta esperada, e Carlos interpretou o gesto como encorajamento para continuar, embora Sara suspeitasse que continuaria de qualquer forma independentemente da sua reacção porque discursos deste tipo seguem trajectória predeterminada que não admite interrupções significativas até chegarem ao ponto central que justifica toda a construção preliminar.

— Uma dessas oportunidades — prosseguiu Carlos, e Sara detectou uma mudança subtil no tom que sinalizava que estava a aproximar-se da parte verdadeiramente relevante — é um projecto em Vela. Parceria público-privada para requalificação urbana de uma zona industrial desactivada. Grande escala, grande visibilidade, grande potencial de posicionamento

estratégico para a empresa. É o tipo de projecto que define reputação para a próxima década.

Fez uma pausa calculada, observou Sara com atenção que parecia estar simultaneamente a avaliar a reacção dela e a antecipar o que viria a seguir, e Sara sentiu o estômago contrair-se ligeiramente porque começou a perceber para onde a conversa se dirigia, e uma parte dela quis interromper, quis dizer "não é preciso continuar, já percebi", mas ficou quieta porque interromper exigiria assumir conhecimento antes de ele ser explicitado e isso mudaria a dinâmica da conversa de forma que não sabia se queria ou podia gerir naquele momento.

— O projecto precisa de direcção local permanente — disse Carlos, e agora a voz tinha assumido tom mais directo, mais pragmático, dispensando os rodeios preliminares. — Alguém com experiência suficiente para coordenar equipas multidisciplinares, gerir relações com autoridades locais e clientes privados, tomar decisões autónomas quando necessário. Alguém em quem confio completamente. Pensei imediatamente em ti.

E ali estava, formulado explicitamente, a proposta que Sara tinha começado a antecipar mas que ouvir em voz alta adquiria peso diferente, concretude que transformava possibilidade abstracta em escolha real que exigiria resposta que teria consequências independentemente de qual fosse essa resposta.

— Vela — repetiu Sara, e a palavra saiu neutra, sem inflexão que indicasse entusiasmo ou rejeição, apenas verificação factual de informação recebida.

— Sim — confirmou Carlos. — Seria relocação completa. A empresa providenciaria apoio para mudança, naturalmente, e o pacote de compensação reflectiria a responsabilidade acrescida. Directora regional de projecto, reporte directo a mim, autonomia operacional considerável. É uma

promoção significativa, Sara. O tipo de oportunidade que não aparece muitas vezes.

Sara ficou em silêncio, não porque precisasse de tempo para processar a informação factual que era relativamente simples e directa, mas porque precisava de tempo para identificar o que sentia em relação àquela informação, e descobriu com uma perturbação crescente que não conseguia identificar sentimento claro, apenas uma espécie de turbulência confusa onde medo e excitação e pânico e alívio se misturavam de forma indistinguível, e por baixo de tudo isso uma pergunta insistente que começava a assumir contornos cada vez mais nítidos: *Estou a considerar isto porque QUERO ou porque parece ser o próximo passo lógico que uma pessoa competente e ambiciosa deveria querer?*

— Quando precisarias de resposta? — perguntou, comprando tempo, adiando a necessidade de posicionamento claro.

— Sexta-feira — respondeu Carlos. — Cinco dias. Sei que é decisão importante que afecta não só a tua carreira mas toda a tua vida pessoal, por isso não quero pressionar, mas o timing do projecto exige que tenhamos equipa de liderança definida e instalada até ao final do mês. Se não fores tu, terei de considerar outras opções, e honestamente preferia muito que fosses tu.

Sara acenou, registou o prazo, e tentou organizar mentalmente as implicações práticas da decisão: mudança de cidade significava procurar casa nova, deslocar toda a estrutura de vida construída em Mora ao longo de mais de uma década, ajustar ou terminar relações sociais estabelecidas, e — aqui o pensamento tornou-se mais complexo e incómodo — implicava que Miguel teria de encontrar trabalho novo em Vela ou que teriam de gerir relação à distância ou que teriam de confrontar explicitamente o estado real da relação e decidir se valia a pena o esforço de a manter atravessando aquela transição.

E percebeu, com uma lucidez que foi simultaneamente libertadora e aterradora, que não sabia se queria que Miguel fosse com ela, não sabia se a perspectiva de distância física era ameaça ou oportunidade, não sabia se estava a tentar salvar a relação ou se estava secretamente aliviada por ter desculpa externa para potencialmente terminá-la sem precisar de assumir responsabilidade activa por essa decisão.

— Posso pensar? — perguntou, embora a pergunta fosse retórica porque Carlos já tinha dado prazo que implicitamente admitia necessidade de reflexão.

— Claro — disse Carlos, levantando-se, sinalizando fim de reunião. — Qualquer dúvida ou questão que surja, estou disponível. E Sara — fez pausa junto à porta, virou-se para ela com expressão que parecia genuinamente empática embora Sara suspeitasse que empatia de chefes era sempre pelo menos parcialmente performativa porque gestão eficaz exige aparência de preocupação com bem-estar de funcionários independentemente de essa preocupação ser verdadeira ou estratégica —, sei que é muito para processar. Toma o tempo que precisares dentro do prazo que temos. Não há resposta errada, apenas resposta certa para ti neste momento da tua vida.

Sara saiu do gabinete de Carlos e caminhou de volta ao seu próprio gabinete sentindo as pernas estranhamente instáveis, como se o chão tivesse adquirido textura diferente ou como se o próprio corpo tivesse esquecido temporariamente como executar o acto simples de caminhar sem pensar conscientemente em cada passo. Sentou-se à secretária, olhou para o ecrã do computador que mostrava um projecto aberto que já não se lembrava de estar a trabalhar, e sentiu o coração acelerar de forma perceptível, uma aceleração que não era necessariamente de ansiedade ou excitação mas de algo intermédio e indefinível que o corpo registava como activação do sistema

nervoso simpático mesmo sem a mente ter decidido se a situação era ameaça ou oportunidade.

Pegou no telemóvel, olhou para ele durante tempo indeterminado tentando decidir se devia ligar a Miguel imediatamente para partilhar a notícia ou se devia esperar até estar em casa para ter a conversa presencialmente, e percebeu que estava a adiar não por questões de logística comunicacional mas porque não queria ouvir a resposta dele, não queria que ele dissesse "é uma boa oportunidade, devias aceitar" com aquela neutralidade educada que indicava que tanto lhe fazia se ela ficava ou ia, e não queria também que ele dissesse "não quero que vás" porque isso exigiria que ela sentisse algo em relação ao facto de ele não querer que ela fosse, e não tinha certeza de que sentiria o que deveria sentir nessa situação.

Pousou o telefone sem fazer a chamada, e ficou ali sentada imóvel enquanto a tarde progredia lá fora e colegas passavam pelo corredor e o escritório gradualmente se esvaziava à medida que pessoas terminavam os seus dias e regressavam às suas vidas fora daquele espaço, e Sara ficou muito depois da hora habitual de saída, não porque tivesse trabalho urgente que precisava de terminar, mas porque não queria ir para casa, não queria iniciar aquela conversa com Miguel, não queria confrontar a necessidade de decidir algo importante quando não conseguia identificar o que verdadeiramente queria e quando começava a suspeitar que nunca tinha aprendido como identificar desejo verdadeiro porque passara vida inteira a identificar expectativas externas e a responder a elas com competência suficiente para criar ilusão de agência quando na verdade sempre tinha sido reacção sofisticada disfarçada de escolha autónoma.

* * *

Quando Sara finalmente chegou a casa era quase nove da noite, três horas mais tarde do que o habitual, e encontrou Miguel na cozinha a terminar de comer qualquer coisa que aquecera no microondas e que comia directamente de um tupperware de plástico enquanto consultava o telemóvel com a mão livre, e ele levantou os olhos quando ela entrou mas não pareceu particularmente preocupado ou curioso sobre o atraso, apenas ligeiramente surpreso de uma forma neutra que não exigia explicação imediata mas que a admitia se ela escolhesse oferecê-la.

— Cheguei atrasada — disse Sara, desnecessariamente porque o facto era óbvio, mas precisava de dizer alguma coisa para quebrar o silêncio que de outra forma se instalaria confortavelmente entre eles como acontecia todas as noites, e Miguel acenou e voltou a baixar os olhos para o telemóvel, e Sara ficou ali parada na entrada da cozinha tentando encontrar forma de introduzir o assunto que precisava de introduzir mas que não sabia como começar sem que soasse mais dramático do que talvez fosse ou menos importante do que objectivamente era.

— Aconteceu uma coisa hoje — disse finalmente, e a formulação vaga fez Miguel levantar os olhos novamente, desta vez com atenção ligeiramente mais focada, embora ainda não exactamente preocupação, mais curiosidade educada.

— Boa ou má? — perguntou, pousando o garfo mas mantendo o telemóvel na outra mão, sinalizando disponibilidade parcial para conversa mas não compromisso total de atenção.

— Não sei — respondeu Sara honestamente, e a resposta pareceu intrigar Miguel suficientemente para ele pousar também o telemóvel e virar-se completamente na direcção dela, conferindo-lhe finalmente atenção total que raramente dava a conversas domésticas rotineiras.

— O Carlos ofereceu-me uma promoção — disse Sara, decidindo ir directamente ao ponto porque rodeios apenas prolongariam desconforto sem alterarem substância. — Directora regional de projecto em Vela.

Houve uma pausa breve enquanto Miguel processava a informação, e Sara observou o rosto dele à procura de reacção que lhe indicasse o que ele sentia sobre aquilo, mas a expressão dele permaneceu cuidadosamente neutra, controlada, dando-lhe exactamente zero informação útil sobre o estado interior que aquela notícia tinha provocado.

— Uau — disse finalmente, e o tom era difícil de interpretar, algo entre genuinamente impressionado e automaticamente educado. — Isso é... significativo. Quando precisas de decidir?

— Sexta-feira — respondeu Sara. — Cinco dias.

Miguel acenou devagar, e Sara esperou que ele dissesse mais alguma coisa, que perguntasse detalhes sobre o projecto ou sobre as condições da promoção ou sobre como ela se sentia em relação à proposta, mas ele ficou em silêncio durante tempo suficiente para que ficasse claro que não ia fazer nenhuma dessas perguntas, e Sara percebeu que teria de continuar a conduzir a conversa sozinha se quisesse que a conversa continuasse.

— Seria mudança completa para Vela — explicou, tornando explícito o que estava implícito na palavra "regional" mas que Miguel aparentemente não estava a registar ou escolhia não comentar. — Não seria deslocação temporária. Seria relocação permanente. Ou pelo menos de médio prazo, vários anos provavelmente.

— Entendo — disse Miguel, e novamente o tom era impossível de interpretar com precisão, poderia ser compreensão factual sem carga emocional ou poderia ser início de processamento de implicações que ainda não tinha verbalizado.

Sara esperou, dando-lhe espaço para elaborar, para dizer o que pensava ou sentia sobre o facto de ela estar a considerar mudar-se para outra cidade, mas Miguel continuou em silêncio, e esse silêncio começou a pesar de forma diferente, mais densa, mais significativa, porque silêncio em momentos em que palavras seriam esperadas comunica tanto quanto palavras comunicam em momentos de silêncio, e o que o silêncio de Miguel estava a comunicar era indiferença ou talvez medo de se comprometer com posição que pudesse revelar demasiado sobre o estado real da relação entre eles.

— O que achas? — perguntou Sara finalmente, forçando-o a posicionar-se, a assumir alguma responsabilidade pela conversa em vez de deixá-la conduzir sozinha enquanto ele permanecia seguro em neutralidade não-comprometedora.

Miguel respirou fundo, e Sara reconheceu aquele gesto como prelúdio de resposta cuidadosamente calibrada, resposta que seria construída para parecer considerada e supportiva mas que provavelmente evitaria assumir posição clara que pudesse ser interpretada como tentativa de influenciar a decisão dela de forma que mais tarde pudesse ser responsabilizado se a decisão corresse mal.

— Acho que é uma oportunidade importante — disse finalmente, e a formulação era tão genérica e tão cuidadosamente não-comprometedora que irritou Sara de forma desproporcional, embora reconhecesse que parte da irritação vinha do facto de ela própria não saber o que queria que ele dissesse, não saber se queria que ele a encorajasse a ir ou a encorajasse a ficar, não saber se queria que ele assumisse que iria com ela ou que ficaria em Mora ou que simplesmente não se importava suficientemente para ter preferência forte.

— Mas? — insistiu Sara, detectando hesitação implícita que Miguel não tinha verbalizado mas que estava presente na pausa antes da resposta e no tom ligeiramente cauteloso.

— Não há mas — disse Miguel, e havia algo defensivo agora no tom que antes não estava. — É uma boa oportunidade profissionalmente. Devias considerar seriamente.

— E nós? — perguntou Sara, tornando explícita a questão que estava implícita desde o início mas que nenhum dos dois tinha querido verbalizar porque verbalizá-la exigia confrontar o estado real da relação em vez de continuar a fingir que estava tudo funcional dentro dos parâmetros minimamente aceitáveis.

Miguel ficou em silêncio novamente, mas desta vez o silêncio tinha qualidade diferente, mais pesado, mais carregado, e Sara viu algo passar pelo rosto dele que poderia ser dor ou poderia ser alívio ou poderia ser ambos simultaneamente, e percebeu que ele também não sabia o que sentia sobre a possibilidade de ela ir, não sabia se queria que ela ficasse porque a amava ou porque mudança exigia esforço ou porque terminar exigia confronto que ambos tinham evitado durante tanto tempo que já não sabiam como iniciar.

— Eu arranjo-me — disse finalmente, e a frase era tão ambígua que podia significar "encontro trabalho em Vela e vou contigo" ou "fico aqui e fazemos isto à distância" ou "terminamos e cada um segue o seu caminho", e Sara percebeu que a ambiguidade era deliberada, era forma de Miguel evitar comprometer-se com qualquer posição concreta que exigisse assumir responsabilidade pela continuidade ou término da relação.

E ali, naquele momento, Sara percebeu algo que tinha estado a formar-se gradualmente mas que só agora cristalizou completamente: Miguel não a amava, provavelmente já não a amava há anos, talvez nunca a tivesse amado

da forma profunda e incondicional que palavra "amor" supostamente implica, e ela também não o amava, e ambos sabiam disso implicitamente mas tinham continuado a viver juntos porque viver juntos era mais fácil do que separar, porque separar exigia decisão activa enquanto continuar apenas exigia inércia, e porque ambos tinham investido tempo e esforço suficientes na relação para que admitir falhanço parecesse desperdício que preferiam evitar mesmo ao custo de continuar indefinidamente em algo que já não tinha substância para além de conveniência partilhada e hábitos consolidados.

— Ok — disse Sara, e a palavra saiu carregada de significados múltiplos que nenhum dos dois quis explorar mais profundamente, e Miguel acenou e retomou o jantar como se a conversa tivesse terminado satisfatoriamente quando na verdade nada tinha sido resolvido ou decidido ou sequer verdadeiramente discutido, apenas adiado para momento futuro indeterminado em que eventualmente teriam de confrontar o que ambos já sabiam mas preferiam não nomear.

* * *

Depois de Miguel adormecer no sofá como fazia todas as noites Sara subiu ao quarto e abriu o portátil e começou a pesquisar informação sobre Vela, não porque precisasse verdadeiramente de informação factual sobre a cidade que já conhecia superficialmente de visitas anteriores, mas porque precisava de fazer algo, de ocupar as mãos e a mente com tarefa concreta que não exigisse introspecção ou decisão imediata, algo que criasse ilusão de progresso e de abordagem racional a situação que no fundo não era racional de todo mas emocional e existencial e profundamente perturbadora de formas que não conseguia completamente nomear.

Abriu sites imobiliários e começou a olhar para apartamentos disponíveis em Vela, filtrando por localização próxima do centro porque presumiu que o escritório ficaria algures na zona central e porque viver perto do trabalho sempre tinha sido critério importante embora agora ao pensar sobre isso percebesse que nunca tinha questionado se viver perto do trabalho era genuinamente importante para ela ou se era apenas conveniente, prático, sensato segundo lógica de optimização de tempo que toda a gente aplicava mas que nunca tinha parado para verificar se queria aplicar.

Os apartamentos pareciam todos iguais, diferindo apenas em detalhes superficiais de número de quartos e qualidade de acabamentos mas fundamentalmente idênticos na sua modernidade neutra e funcional, espaços desenhados para serem habitáveis por qualquer pessoa sem reflectir identidade particular de ninguém, e Sara olhou para as fotografias profissionalmente iluminadas de salas vazias e quartos vazios e cozinhas equipadas vazias e tentou imaginar-se a viver ali, tentou criar imagem mental de vida futura em Vela, mas a imagem não se formava com clareza, permanecia vaga e abstracta e sem textura emocional verdadeira.

Abriu novo separador e pesquisou "restaurantes Vela", "vida cultural Vela", "ginásios Vela", todas essas coisas práticas que pessoa responsável e organizada pesquisaria antes de decidir mudar-se para cidade nova, e registou mecanicamente informação sobre opções de lazer e serviços disponíveis e infraestruturas de transporte, mas tudo parecia distante e sem relevância verdadeira porque percebeu que não estava verdadeiramente a tentar descobrir se gostaria de viver em Vela, estava a tentar convencer-se de que deveria gostar de viver em Vela porque era oportunidade profissional importante que pessoa ambiciosa e competente deveria aproveitar sem hesitação.

Fechou o portátil depois de uma hora de pesquisa que não tinha produzido clareza nenhuma, e ficou sentada na cama no escuro porque já não tinha energia para se levantar e ir lavar os dentes e despir-se e executar todos os pequenos rituais que constituíam transição entre vigília e sono, e pensou com uma lucidez que era simultaneamente libertadora e aterradora: *Estou a considerar mudar toda a minha vida para cidade diferente não porque QUERO mas porque parece ser o que pessoa na minha posição deveria fazer, e Miguel está disposto a deixar-me ir porque não se importa suficientemente para dizer "fica" ou para dizer "vou contigo", e eu não me importo suficientemente para exigir que ele diga uma coisa ou outra, e todo este processo de decisão é fundamentalmente vazio porque não está baseado em desejo verdadeiro de nenhuma das partes mas apenas em tentativa de ambos de fazer o que parece correcto segundo scripts sociais que internalizámos sem nunca questionar se são scripts que queremos seguir.*

* * *

No dia seguinte durante a pausa de almoço que passou no gabinete a comer sandwich comprado na cafetaria do escritório porque não tinha energia para sair e procurar algo melhor, o telefone tocou e o nome "Mãe" apareceu no ecrã e Sara hesitou antes de atender porque conversas com Helena tinham forma de revelar coisas que preferia manter invisíveis, tinham forma de expor padrões que funcionavam melhor quando não eram examinados frontalmente, mas deixar tocar sem atender criaria preocupação desnecessária que resultaria em mais telefonemas e eventualmente em visita não anunciada que seria ainda mais difícil de gerir do que conversa telefónica.

— Olá mãe — disse, tentando que a voz saísse normal, descontraída, mas reconhecendo enquanto falava que o esforço consciente de parecer normal era exactamente o que denunciava que não estava normal.

— Sara — respondeu Helena, e havia algo no tom que indicava que já sabia ou suspeitava que algo estava diferente, aquela capacidade maternal irritante e inexplicável de detectar alterações subtis em entoação ou timing de resposta que filhos adultos pensam ter mascarado com sucesso. — Como estás? Há dias que não falamos.

— Estou bem — disse Sara automaticamente, e Helena ficou em silêncio do outro lado da linha, um silêncio que comunicava cepticismo educado, e Sara suspirou porque sabia que não conseguiria manter a fachada durante conversa inteira e que eventualmente teria de partilhar pelo menos parte do que estava a acontecer.

— Aconteceu uma coisa — disse, cedendo antes de Helena precisar de insistir. — O Carlos ofereceu-me promoção. Em Vela.

— Vela — repetiu Helena, e o tom tinha adquirido qualidade diferente, mais atenta, mais focada. — Isso seria mudança permanente, não seria?

— Seria — confirmou Sara. — Directora regional. Projecto grande, importante para a empresa. Boa oportunidade profissionalmente.

Houve pausa, e Sara esperou que Helena dissesse as coisas óbvias que mães dizem nestas situações, "que óptimo", "estou orgulhosa", "mereces", todas essas frases de encorajamento automático que são socialmente esperadas mas que raramente tocam na substância verdadeira da situação, mas Helena não disse nenhuma dessas coisas, ficou em silêncio durante tempo suficientemente longo para que Sara começasse a sentir-se desconfortável.

— E tu queres ir? — perguntou finalmente Helena, e a pergunta era tão directa e tão simples que Sara não soube como responder porque expunha exactamente a questão central que tinha estado a evitar confrontar frontalmente.

— É uma boa oportunidade — repetiu Sara, usando as mesmas palavras que tinha usado com Miguel, as mesmas palavras que serviriam para evitar responder verdadeiramente à pergunta.

— Não te perguntei se é boa oportunidade — disse Helena, e havia firmeza agora na voz que raramente Sara ouvia, firmeza que não era agressiva mas que também não admitia evasão. — Perguntei se tu QUERES ir. Não é a mesma coisa.

Sara ficou em silêncio, e sentiu algo apertar-se no peito, algo entre irritação e gratidão porque Helena estava a fazer a pergunta que ninguém mais tinha feito, a pergunta que forçava Sara a confrontar o vazio no centro da decisão, o facto de não conseguir identificar vontade genuína para além de cálculo de prós e contras e de avaliação de expectativas externas.

— Não sei — admitiu finalmente, e a admissão saiu com um cansaço profundo que surpreendeu a própria Sara. — Deveria saber, não deveria? É decisão importante. Deveria ter opinião clara.

— Deverias — concordou Helena, mas o tom não era crítico, era algo entre triste e compreensivo. — Mas tens opinião clara sobre alguma coisa, Sara? Ultimamente?

A pergunta atingiu-a com força inesperada, e Sara sentiu os olhos arderem ligeiramente, não exactamente lágrimas mas algo próximo, uma emoção que não tinha nome claro mas que era denso e opressivo e que tinha estado a acumular-se durante semanas ou talvez meses sem ela reconhecer completamente.

— Estás cansada — disse Helena, e não era pergunta, era observação, e havia conhecimento naquele diagnóstico simples que ia além de cansaço físico e tocava em algo mais profundo e mais preocupante. — Tens estado cansada há muito tempo. Desde antes desta promoção. Desde... não sei, anos talvez.

Sara não respondeu porque não tinha resposta, e Helena continuou com uma gentileza que era quase dolorosa:

— Pareces-me... ausente. Como se estivesses a viver num espaço intermédio entre onde estás e onde gostarias de estar, mas sem conseguires identificar onde é esse lugar para onde gostarias de ir porque passaste tanto tempo a ir para onde era suposto ires que perdeste capacidade de distinguir o que queres do que deves.

E ali estava, formulado por Helena com uma clareza que Sara tinha evitado formular para si mesma, a observação que Marta tinha feito e que Carlos tinha tocado obliquamente e que Miguel tinha implicitamente confirmado através do seu silêncio indiferente, e ouvir Helena dizê-lo em voz alta tornava impossível continuar a fingir que era apenas cansaço temporário ou stress relacionado com trabalho ou qualquer outra explicação superficial que não exigisse reconhecer que algo estava fundamentalmente errado na forma como tinha construído a vida inteira.

— Tens a certeza de que estás bem? — perguntou Helena, e a preocupação na voz era genuína e sem dissimulação, e Sara quis dizer "sim, estou bem, não te preocupes", quis dar a resposta que faria Helena sentir-se tranquila e permitiria terminar a conversa sem aprofundar território doloroso, mas as palavras não saíram.

— Não — disse em vez disso, e a palavra saiu pequena, quase inaudível. — Não, mãe. Não estou bem. Não sei o que estou, mas não é bem.

Houve silêncio do outro lado, e depois Helena disse com uma firmeza surpreendente:

— Então não decides agora. Não decides sob pressão quando não sabes o que queres. Dizes ao Carlos que precisas de mais tempo, ou dizes que não

podes aceitar agora, ou inventas qualquer razão que precisares, mas não tomes decisão importante quando estás neste estado. Promete-me.

Sara acenou embora Helena não pudesse ver, e murmurou:

— Prometo.

Mas enquanto dizia sabia que não poderia cumprir a promessa porque Carlos precisava de resposta até sexta-feira e porque recusar ou adiar seria visto como fraqueza ou falta de ambição ou incapacidade de decisão sob pressão, todas essas coisas que prejudicariam posição profissional que tinha construído com tanto cuidado durante tantos anos, e porque parte significativa da sua identidade estava ligada a ser pessoa competente e confiável que tomava decisões racionais e cumpria expectativas, e perder isso seria perder último pilar de sentido numa vida que começava a revelar-se como estrutura oca mantida apenas por inércia e por medo de confrontar alternativas.

* * *

Os três dias seguintes passaram numa névoa densa de indecisão paralisante onde Sara acordava todas as manhãs determinada a tomar posição clara — aceitar ou recusar, ir ou ficar, mudar ou permanecer — e terminava todas as noites sem ter progredido absolutamente nada na direcção de clareza, tendo apenas acumulado mais dados e mais argumentos racionais que se anulavam mutuamente e que não tocavam no problema central que não era racional mas emocional e que tinha a ver com não conseguir identificar o que genuinamente queria porque vontade genuína parecia ter-se atrofiado de tanto tempo sem uso até deixar de existir como função operacional.

Fez listas mentais e depois listas escritas de prós e contras, enumerando com precisão analítica todas as vantagens objectivas de aceitar — progressão de carreira, aumento salarial significativo, autonomia operacional, trabalho em projecto de grande escala com visibilidade que poderia abrir portas futuras, mudança de ambiente que poderia ser estimulante — e todas as desvantagens objectivas — necessidade de reconstruir rede social do zero, distância de família e amigos estabelecidos, incerteza sobre impacto na relação com Miguel que já era frágil e que mudança tão significativa poderia quebrar completamente, risco de falhanço em posição mais exposta e com maior responsabilidade.

Mas quanto mais analisava racionalmente mais percebeu que análise racional não resolvia o problema porque problema não era falta de informação ou de capacidade de processamento lógico, era ausência de âncora interna que permitisse avaliar opções segundo critério de desejo próprio em vez de apenas segundo critério de optimização de resultados externos, e começou a perceber que podia passar resto da vida a fazer listas e a pesar prós e contras e nunca chegaria a decisão verdadeira porque decisão verdadeira exigia saber o que queria e saber o que queria exigia ter acesso a vontade interior que parecia ter-se desligado ou nunca ter sido verdadeiramente desenvolvida.

Na quarta-feira de manhã durante reunião de equipa onde Carlos apresentava cronograma de projectos para trimestre seguinte, Sara sentiu olhar dele pousar sobre ela várias vezes com expectativa mal disfarçada, esperando provavelmente que ela pedisse para falar privadamente e desse resposta à proposta que já consumira metade do prazo estabelecido, mas Sara evitou contacto visual e manteve-se em silêncio funcional contribuindo apenas quando directamente solicitada e saindo imediatamente depois sem dar oportunidade para Carlos a interceptar no corredor.

Na quinta-feira de tarde Marta passou pelo gabinete dela trazendo café como tinha feito semanas antes numa repetição de gesto que Sara reconheceu como tentativa de criar abertura para conversa, e ficaram ali algum tempo em silêncio confortável que Sara agradeceu porque não exigia performance ou explicação, até Marta finalmente perguntar baixinho:

— Já decidiste sobre Vela?

E Sara abanou a cabeça porque palavra "decidir" implicava processo activo de selecção entre alternativas segundo critérios identificáveis quando na verdade o que estava a acontecer era paralisia passiva disfarçada de reflexão cuidadosa, e Marta não insistiu, apenas ficou ali mais alguns minutos em presença silenciosa que comunicava disponibilidade sem pressão, e depois saiu deixando segunda chávena de café sobre a secretária como tinha feito antes, e Sara ficou sozinha a olhar para aquele café que arrefecia gradualmente enquanto vapor subia e se dissipava, e pensou que a sua vida inteira parecia ter essa qualidade de coisa que acontece sem intervenção activa, que muda de estado por processo natural de entropia em vez de por decisão deliberada, e que aceitação passiva desse processo tinha sido estratégia de sobrevivência durante tanto tempo que já não sabia se possuía capacidade de fazer escolhas verdadeiras que exigissem assumir agência e responsabilidade.

Na sexta-feira de manhã acordou com sensação física de pressão no peito que reconheceu como ansiedade manifestada somaticamente, e soube enquanto estava ainda deitada olhando para tecto que aquele era o dia em que teria de dar resposta, que não poderia continuar a adiar porque adiamento além do prazo estabelecido seria lido como indecisão inaceitável que prejudicaria reputação profissional que constituía último vestígio de identidade estável numa vida que começava a revelar-se como colecção de papéis desempenhados sem convicção verdadeira.

Levantou-se, preparou-se com os gestos mecânicos habituais, conduziu até ao escritório sentindo estômago progressivamente mais apertado à medida que se aproximava, e quando chegou viu email de Carlos enviado vinte minutos antes com assunto "Vela - prazo" que não abriu imediatamente porque abrir significaria que cronómetro final começaria a correr e que dentro de horas ou no máximo final do dia teria de verbalizar decisão que ainda não tinha tomado porque ainda não sabia o que queria e começava a suspeitar que não saber o que queria era sintoma de problema muito maior do que simples indecisão profissional.

E então, às dez e meia da manhã, quando estava sentada à secretária fingindo trabalhar em qualquer coisa que não conseguia focar, o telefone interno tocou e voz de Carlos disse simplesmente:

— Sara, podes vir ao meu gabinete?

E ela levantou-se sentindo pernas estranhamente frágeis, caminhou pelo corredor que parecia ter alongado impossível

mente desde última vez que o atravessara, bateu à porta e entrou, e Carlos olhou para ela com expressão que combinava expectativa e algo que poderia ser preocupação, e disse:

— Então? Tens resposta para mim?

E Sara abriu a boca preparada para dizer algo, qualquer coisa, sim ou não ou preciso de mais tempo, mas o que saiu foi:

— Aceito.

E enquanto a palavra saía percebeu que não tinha decidido conscientemente dizê-la, que tinha simplesmente saído como resposta automática ao que parecia ser esperado, ao que parecia ser escolha correcta segundo critérios

externos que internalizara tão profundamente que já não precisavam de deliberação consciente para serem aplicados, e sentiu algo desmoronar-se ligeiramente dentro dela porque percebeu que acabara de fazer exactamente aquilo que Helena e Marta e talvez até Miguel em silêncio eloquente tinham alertado contra, que acabara de tomar decisão importante não com base em desejo verdadeiro mas com base em cálculo de expectativas e em medo de decepcionar ou de parecer incapaz ou de perder posição profissional que era único elemento de identidade que ainda lhe parecia sólido numa vida que começava a revelar-se como construção frágil assente em fundações inexistentes.

PARTE IV

Carlos sorriu com uma satisfação visível que parecia genuína mas que Sara não conseguia processar emocionalmente porque estava ocupada a tentar entender o que acabara de fazer, o que acabara de comprometer, o que acabara de colocar em movimento com aquela palavra única que saíra da boca antes do cérebro ter autorizado completamente a sua emissão, e ele levantou-se e estendeu a mão através da secretária num gesto formal que transformava decisão verbal em acordo quase contratual, e Sara apertou a mão dele sentindo a palma ligeiramente húmida dele contra a palma seca dela e registando de forma distante e quase clínica que o aperto era firme mas não excessivo, profissional, adequado ao momento.

— Excelente — disse Carlos, e havia alívio óbvio na voz que sugeria que tinha estado genuinamente preocupado com possibilidade de recusa e que aceitação de Sara resolvia problema logístico significativo que o teria forçado a procurar alternativas menos desejáveis. — Honestamente não conseguia imaginar pessoa melhor para liderar este projecto. A tua experiência e a tua capacidade de gestão vão ser fundamentais para o sucesso da operação em Vela.

Sara acenou mecanicamente, produzindo sons de concordância educada enquanto Carlos continuava a falar sobre cronogramas e processos administrativos e apoio logístico para mudança que empresa providenciaria, mas as palavras chegavam filtradas através de distância crescente como se estivesse a afastar-se gradualmente do gabinete embora o corpo permanecesse sentado na cadeira em frente à secretária de Carlos, e uma parte da mente começou a catalogar todas as implicações práticas da decisão que acabara de tomar enquanto outra parte observava aquele processo de catalogação com uma espécie de horror fascinado porque percebeu que

estava a fazer exactamente o que sempre fizera, que estava a adaptar-se à decisão em vez de verificar se a decisão se adaptava a ela.

— Vou enviar-te email ainda hoje com todos os detalhes formais — disse Carlos, já a transitar para modo executivo de implementação agora que decisão estratégica estava tomada. — Contracto revisto com as novas condições, informação sobre apoio para mudança, contactos em Vela que vão facilitar instalação. O ideal seria conseguires estar operacional lá até final do mês, o que sei que é apertado, mas a primeira reunião com stakeholders do projecto está agendada para dia três do próximo mês e precisamos que estejas presente como representante oficial da Arcus.

— Final do mês — repetiu Sara, e ouviu a própria voz soar estranhamente distante, mecânica, como se estivesse a reproduzir palavras sem as processar verdadeiramente. — Isso são três semanas.

— Eu sei que é rápido — disse Carlos, e pela primeira vez pareceu registar que Sara não estava a demonstrar o entusiasmo que provavelmente esperava de alguém que acabara de aceitar promoção significativa. — Se precisares de quatro semanas podemos tentar negociar com o cliente, mas honestamente quanto mais cedo conseguires estar no terreno melhor, porque há questões que precisam de decisão rápida e estou a gerir isso remotamente de Mora o que não é ideal.

Sara acenou novamente, e Carlos interpretou o gesto como acordo, e continuou a falar sobre aspectos logísticos e operacionais, e Sara produziu as respostas apropriadas nos momentos apropriados, confirmou disponibilidade e competência e compromisso, e toda a conversa decorreu dentro dos parâmetros esperados de profissionalismo eficiente, e só quando finalmente saiu do gabinete de Carlos vinte minutos depois é que permitiu que pensamento que tinha estado a tentar suprimir emergisse completamente: *Acabei de aceitar mudar toda a minha vida para cidade diferente assumir responsabilidade*

profissional significativamente maior e não sinto absolutamente nada, nem excitação nem medo nem satisfação nem arrependimento, apenas vazão neutro e ligeiramente nauseante que sugere que tomei decisão importante sem verdadeiramente estar presente no processo de decisão.

Voltou ao gabinete e sentou-se à secretária e olhou para o ecrã do computador onde tinha dezassete emails não lidos que precisavam de resposta e três relatórios que precisavam de revisão, e não conseguiu processar nenhum deles, apenas ficou ali imóvel a olhar para interface que tinha visto milhares de vezes e que subitamente parecia completamente estranha, como se pertencesse a vida de outra pessoa ou a versão passada de si mesma que já não existia porque tinha acabado de tomar decisão que alterava trajecto futuro de forma irreversível.

Pegou no telefone e escreveu mensagem a Miguel: "*Aceitei Vela.*"

Enviou antes de poder reconsiderar, e ficou a olhar para ecrã à espera de resposta que demorou sete minutos a chegar, tempo suficiente para Sara construir e desconstruir mentalmente cinco interpretações diferentes do silêncio dele, e quando finalmente o telefone vibrou a mensagem era curta e neutra: "*Ok. Falamos à noite.*"

E Sara olhou para aquelas quatro palavras durante tempo excessivo tentando extrair significado emocional de formulação que era deliberadamente desprovida de emoção, e percebeu que Miguel tinha feito a mesma coisa que ela tinha feito, que tinha respondido de forma que não revelava o que sentia e que não comprometia posição futura e que mantinha todas as opções em aberto enquanto aparentava dar resposta adequada, e ambos eram tão competentes nesse jogo de comunicação que dizia sem dizer que tinham construído relação inteira sobre fundação de ambiguidade cuidadosamente mantida que nunca tinha sido testada porque testar exigiria vulnerabilidade que nenhum dos dois tinha coragem ou interesse em demonstrar.

O resto do dia passou numa sequência de interacções onde Sara informou decisão a colegas relevantes e recebeu parabéns educados e expressões de felicitação que pareciam todas seguir script social estabelecido, e respondeu com modéstia apropriada e gratidão verbal e todas as marcas externas de pessoa satisfeita com progressão de carreira bem merecida, e só Marta quando foi abraçá-la em privado no gabinete murmurou baixo no ouvido dela: "*Tens a certeza?*" — e Sara não soube o que responder então apenas apertou o abraço um pouco mais forte do que seria natural, e Marta percebeu e não insistiu, mas o olhar dela quando se afastou comunicava preocupação que Sara não queria reconhecer porque reconhecer exigiria admitir que tinha dúvidas e admitir dúvidas depois de decisão tomada e anunciada publicamente seria demonstração de fraqueza ou instabilidade que prejudicaria imagem de competência que passara anos a construir.

* * *

Os cinco dias seguintes passaram numa aceleração estranha onde tempo parecia comprimir-se sob pressão de tarefas práticas que exigiam atenção e decisões e acções concretas que tinham efeito calmante porque deslocavam foco de questões existenciais abstractas para problemas logísticos tangíveis que tinham soluções claras e mensuráveis.

Sara passou horas ao telefone com agências imobiliárias em Vela, viu dezenas de apartamentos através de videochamadas conduzidas por agentes demasiado entusiastas que apontavam câmaras para divisões vazias enquanto enumeravam características que supostamente tornavam cada espaço único mas que na realidade apenas confirmavam uniformidade fundamental de habitação urbana contemporânea, e escolheu finalmente apartamento que não era melhor nem pior que alternativas mas que ficava a quinze minutos de caminhada do escritório e que tinha varanda pequena virada a sul que

apanhava luz directa durante tarde, detalhe que pareceu suficientemente distintivo para justificar escolha embora reconhecesse que escolha era fundamentalmente arbitrária porque nenhum dos espaços tinha provocado reacção emocional que se aproximasse de desejo genuíno de habitar aquele lugar específico.

Informou senhorio em Mora que não renovaria contracto que terminava coincidentemente dentro de dois meses, timing que Carlos tinha mencionado como "sorte extraordinária" mas que Sara suspeitava não ser completamente coincidência porque Carlos provavelmente verificara situação contratual dela antes de fazer proposta, demonstrando nível de planeamento estratégico que era simultaneamente impressionante e ligeiramente perturbador porque sugeria que decisão dela tinha sido antecipada e até certo ponto orquestrada por forças externas que tinham interesse em resultado específico.

Começou processo tedioso de transferir serviços e actualizar moradas e notificar instituições várias que precisavam de saber que ia mudar de cidade, e cada formulário preenchido e cada chamada feita tornava mudança progressivamente mais real e mais irreversível, e Sara executava tarefas com eficiência mecânica enquanto parte dela observava todo o processo com distanciamento crescente como se estivesse a assistir a outra pessoa organizar mudança de vida que não lhe dizia directamente respeito.

Miguel demonstrou disponibilidade pragmática para ajudar com aspectos logísticos, pesquisou empresas de mudanças e comparou preços e fez reserva para data que seria duas semanas antes de Sara precisar de estar oficialmente em Vela para dar tempo de instalação mínima, mas conversas entre eles mantinham-se cuidadosamente focadas em aspectos práticos e nunca tocavam em questão central que pairava sobre todas essas interacções: o que aconteceria à relação depois de Sara estar fisicamente em cidade diferente.

Ele mencionou uma vez, casualmente durante jantar que comeram em silêncio maioritário, que empresa dele tinha escritório em Vela e que teoricamente poderia pedir transferência se quisesse, mas formulação era tão condicional e tão pouco comprometida que Sara percebeu que era informação oferecida como possibilidade abstracta mas não como intenção concreta, e ela respondeu com neutralidade simétrica que "seria interessante se resultasse" sem pressionar ou sequer perguntar se ele tinha interesse genuíno em fazer isso, e ambos deixaram assunto morrer ali sem nunca ser verdadeiramente explorado porque explorar exigiria confrontar realidade que ambos preferiam manter nebulosa.

Marta ofereceu-se várias vezes para ajudar com preparativos ou simplesmente para estar presente e disponível, e Sara aceitou ajuda prática mas recusou convites para conversas mais profundas porque não tinha energia emocional para processar preocupação genuína de Marta quando mal conseguia processar próprias emoções que pareciam ter-se desligado completamente ou talvez apenas se escondido tão profundamente que já não eram acessíveis através de introspecção normal.

Helena telefonou diariamente durante aquela semana, e conversas eram curtas mas carregadas de tensão não verbalizada, e Sara produzia actualizações factuais sobre progressos logísticos enquanto evitava cuidadosamente qualquer discussão sobre estado emocional ou sobre se continuava a achar que decisão era correcta, e Helena não insistia mas silêncios dela comunicavam desaprovação preocupada que Sara registava mas escolhia não processar porque processar exigiria confrontar possibilidade de estar a cometer erro significativo e irreversível.

* * *

E no meio de toda aquela actividade frenética de preparação e organização, vida quotidiana continuava com normalidade perturbadora que sugeria que mudança significativa podia ser preparada e executada sem alterar fundamentalmente textura do presente até momento em que mudança efectivamente acontecesse.

Sara continuava a ir trabalhar todos os dias e a executar tarefas que já não tinham relevância de longo prazo porque dentro de semanas seriam responsabilidade de outra pessoa, mas executava-as com mesma competência habitual porque incompetência não estava no seu repertório comportamental mesmo quando competência já não servia propósito claro.

Miguel continuava a adormecer no sofá todas as noites e Sara continuava a subir sozinha para quarto, e padrão repetia-se com exatamente mesma configuração que repetira durante meses ou anos, como se decisão de Sara de aceitar Vela não tivesse introduzido qualquer perturbação no sistema, como se mudança iminente fosse facto abstracto sem implicações concretas para dinâmica presente entre eles.

Numa noite particularmente silenciosa quando Sara estava sentada no sofá ao lado de Miguel que consultava telemóvel enquanto televisão reproduzia programa que nenhum dos dois estava verdadeiramente a ver, ela teve impulso súbito de dizer algo verdadeiro, de quebrar padrão de comunicação superficial e perguntar directamente "o que vai acontecer a nós quando eu estiver em Vela", mas impulso morreu antes de se transformar em palavras porque percebeu que não queria saber resposta, que ambiguidade era mais confortável que clareza porque clareza exigiria decisão e acção e potencialmente dor que ambos tinham evitado com sucesso durante tanto tempo que evitação se tornara modo predefinido de operação relacional.

Email de Carlos chegou numa quinta-feira de tarde com assunto "Contracto Vela - assinatura" e anexo em PDF que Sara abriu e leu cuidadosamente,

verificando todos os termos e condições que já tinham sido discutidos verbalmente mas que agora estavam formalizados em linguagem legal precisa que tornava acordo definitivo e vinculativo.

Havia linha no final marcada para assinatura digital, e cursor piscava ali à espera, e Sara ficou com mão sobre rato durante tempo indeterminado a olhar para aquela linha vazia que precisava apenas de clique para ser preenchida e para transformar possibilidade em facto consumado irreversível.

PARTE V

No sábado de manhã, oito dias antes da data prevista para mudança e três dias depois de ter assinado digitalmente o contracto que tornara decisão oficialmente irreversível, Sara acordou com sensação física de opressão no peito que reconheceu como ansiedade manifestada somaticamente mas que tentou ignorar através de rotina habitual de preparação para dia que não tinha compromissos específicos agendados, liberdade de horário que deveria ser relaxante mas que na prática apenas criava vazio estrutural que precisava de ser preenchido com actividades inventadas para evitar confronto com pensamentos que emergiam sempre que mente não estava ocupada com tarefas concretas.

Miguel já tinha saído para correr como fazia todos os sábados de manhã, ritual de exercício que mantinha com regularidade obsessiva e que Sara sempre interpretara como hábito saudável mas que agora ao pensar sobre isso percebeu que era também forma de estar ausente de casa durante duas horas sem precisar de justificar ausência ou de coordenar planos com ela, e reconheceu que ela própria desenvolvia frequentemente estratégias similares de ocupação que serviam função primária de evitar tempo partilhado que já não tinha conteúdo verdadeiro para além de silêncio progressivamente mais denso.

Vestiu-se sem pensar muito, jeans e camisa simples, apanhou carteira e chaves, e saiu de casa sem destino específico, apenas vaga ideia de que precisava de estar em movimento, de ocupar corpo com actividade física que distraísse mente de circularidade obsessiva de pensamentos que não levavam a conclusão nenhuma mas que se repetiam com insistência crescente.

Caminhou pelas ruas de Mora que conhecia tão bem que podia atravessá-las em piloto automático sem precisar de prestar atenção consciente a direcções ou marcos, e foi precisamente essa familiaridade excessiva que subitamente

lhe pareceu opressiva, o facto de conhecer cada esquina e cada estabelecimento e cada irregularidade no pavimento porque tinha percorrido aqueles caminhos centenas ou milhares de vezes durante anos que agora se revelavam como tempo passado em espaço que nunca tinha verdadeiramente escolhido habitar mas apenas aceite habitar porque era conveniente e adequado e próximo do trabalho.

Parou em frente a café que não frequentava habitualmente, lugar pequeno com esplanada estreita onde meia dúzia de mesas ocupavam passeio e onde algumas pessoas já estavam sentadas a aproveitar manhã de sábado que estava surpreendentemente amena para estação, e decidiu entrar não por vontade específica de café mas por necessidade de interromper caminhada que começava a adquirir qualidade compulsiva e sem propósito.

Interior do café estava moderadamente cheio, conversas sobrepostas criando zumbido de fundo que era simultaneamente estimulante e ligeiramente opressivo, e Sara escolheu mesa junto à janela não porque janela oferecesse vista particularmente interessante mas porque era única mesa disponível que não exigia partilhar espaço com desconhecidos, e sentou-se sentindo pernas curiosamente cansadas considerando que tinha caminhado apenas vinte minutos ou talvez meia hora.

Empregada aproximou-se quase imediatamente, jovem com ar eficiente e ligeiramente cansado de quem trabalha turno de fim-de-semana em estabelecimento movimentado, e estendeu menu plastificado que Sara aceitou mecanicamente e abriu sem verdadeiramente focar no conteúdo, letras e números a formarem padrões visuais que cérebro não processava como informação significativa.

— Já sabe o que quer? — perguntou empregada depois de intervalo que Sara não soube medir mas que provavelmente foi longo demais para ser socialmente confortável.

Sara olhou para menu tentando forçar atenção a funcionar, a registrar opções disponíveis e a seleccionar uma segundo algum critério racional de preferência ou apetite, mas descobriu que não conseguia fazer isso, que tudo lhe parecia igualmente neutro, indiferente, desprovido de qualquer qualidade que provocasse desejo ou rejeição.

— Ainda não — respondeu, e voz saiu ligeiramente tensa, controlada demais.
— Desculpe, preciso de mais um minuto.

Empregada acenou com paciência profissional e afastou-se para atender outra mesa, e Sara voltou a olhar para menu com determinação crescente de simplesmente escolher algo, qualquer coisa, só para poder chamar empregada de volta e fazer pedido e encerrar aquele momento que estava a prolongar-se de forma embaraçosa.

Mas quanto mais olhava mais as opções se confundiam numa homogeneidade indistinta, e começou a sentir irritação consigo mesma por não conseguir executar tarefa tão simples quanto seleccionar item de menu de café, e irritação foi acompanhada por sensação crescente de ridículo porque estava ali sentada imobilizada por indecisão sobre café quando tinha acabado de tomar decisão de mudar cidade e vida inteira com aparente facilidade e competência.

Empregada voltou, e Sara ainda não tinha decidido, e sentiu rubor subir ligeiramente pelo pescoço porque sabia que estava a ser cliente difícil e inconveniente.

— O que costuma ser mais pedido? — perguntou finalmente, delegando decisão, transferindo responsabilidade de escolha para outra pessoa como fazia sempre, como acabara de fazer com decisão de Vela onde tinha essencialmente aceite o que Carlos propôs sem verdadeiramente verificar se era o que queria.

— Café normal é o mais popular — disse empregada. — Mas temos também capuccino, galão, meia de leite...

— Café normal — interrompeu Sara rapidamente, escolhendo opção mais genérica e mais segura, opção que não exigia especificação de preferências ou de características distintivas.

Empregada anotou e ia afastar-se quando Sara sentiu impulso súbito e inexplicável de não deixar aquilo terminar assim, de não aceitar mais uma vez a escolha automática e conveniente.

— Espere — disse, e empregada parou e virou-se com expressão ligeiramente surpresa. — Qual... qual é o seu preferido?

Empregada pareceu momentaneamente confusa pela pergunta, como se nunca lhe tivessem perguntado opinião pessoal em contexto profissional, e depois sorriu com genuinidade que transformou completamente expressão dela.

— Eu? Gosto do capuccino com canela. É reconfortante.

— Então traga isso — disse Sara, e enquanto palavras saíam sentiu algo estranho, pequeno momento de decisão baseada em critério que não era otimização racional mas apenas curiosidade sobre o que outra pessoa genuinamente apreciava.

Empregada acenou e afastou-se, e Sara ficou a olhar pela janela para rua onde pessoas passavam com propósito aparente, e tentou identificar o que sentia em relação àquela pequena interação, e percebeu que não sentia nada de especial, que continuava com mesmo vazio neutro que tinha antes, mas pelo menos tinha feito algo ligeiramente diferente do padrão automático mesmo que diferença fosse insignificante e sem consequência.

Capuccino chegou em chávena grande com espuma generosa polvilhada com canela, apresentação cuidada que sugeria que café levava a sério aquilo que servia, e Sara pegou na chávena sentindo calor agradável contra palmas e levou aos lábios e bebeu, e sabor era doce e ligeiramente picante e reconfortante exactamente como empregada tinha dito, mas Sara não conseguiu apreciá-lo verdadeiramente, não conseguiu sentir prazer ou satisfação ou qualquer resposta emocional positiva, apenas registou factualmente que sabor era agradável da forma distanciada com que tinha começado a registar todas as experiências sensoriais como se estivesse separada de próprio corpo por camada transparente mas impermeável que permitia observação mas bloqueava sentimento.

Pousou chávena e olhou para ela, líquido castanho escuro parcialmente coberto por espuma branca que começava a colapsar lentamente, e pensamento atravessou mente sem aviso: *Nem isto consigo escolher genuinamente, nem café num sábado de manhã consigo pedir sem verificar primeiro o que outra pessoa recomenda.*

E pensamento não parou ali, expandiu-se com velocidade e intensidade que apanhou Sara completamente desprevenida, conexões a formarem-se rapidamente entre aquele momento trivial e todos os outros momentos similares que constituíam vida inteira: trabalho escolhido porque pai disse que era estável, casamento aceite porque era próximo passo lógico, casa comprada porque fazia sentido financeiramente, Vela aceite porque era boa oportunidade profissional, tudo sempre baseado em cálculo externo nunca em desejo interno, tudo sempre resposta a expectativa ou a pressão ou a lógica de optimização que outras pessoas aplicavam e que ela adoptara sem questionar porque questionar exigiria ter acesso a vontade própria que nunca desenvolvera ou que desenvolvera mas depois suprimira tão completamente que já não sabia se alguma vez existira verdadeiramente.

Empregada passou novamente pela mesa e perguntou com solicitude profissional:

— Está bem para si?

E frase saiu casual, protocolar, sem peso, apenas verificação de satisfação de cliente como milhares de empregadas faziam milhares de vezes por dia em milhares de estabelecimentos, mas Sara ouviu aquelas palavras — *está bem para si* — e algo quebrou.

Não foi colapso dramático, não foram lágrimas súbitas ou grito ou qualquer manifestação externa de ruptura, foi apenas momento de clareza absoluta e insuportável onde véu fino que mantinha estrutura de autoengano funcionando subitamente se dissolveu e Sara viu com precisão devastadora que tinha passado vida inteira a responder "está bem para mim" a tudo, a todos, sempre, sem nunca verificar se estava verdadeiramente bem, sem nunca perguntar o que queria verdadeiramente para além do que era suposto querer.

— Não — disse, e palavra saiu rouca, quase inaudível, mas foi primeira vez em tempo indeterminado que disse "não" sem qualificar ou suavizar ou justificar.

Empregada olhou para ela confusa.

— O café não está bom? Quer que traga outro?

— Não é o café — disse Sara, e respiração começou a ficar irregular, curta, ar a entrar mas não a chegar aos pulmões completamente. — O café está... o café está bem. Não é o café.

Empregada continuava a olhar para ela sem compreender, e Sara percebeu que estava a criar cena, que outras pessoas em mesas próximas começavam a

virar cabeças na direcção dela, e parte da mente registou que devia controlar-se, devia recompor fachada de normalidade e competência, mas outra parte mais profunda e mais insistente não conseguia parar o processo que começara, não conseguia voltar a fechar véu que se abrira e expusera vazio no centro de vida cuidadosamente construída.

Levantou-se abruptamente, cadeira a ranger contra chão, e pegou em carteira e deixou nota sobre mesa sem esperar por troco e caminhou rapidamente em direcção à saída enquanto empregada dizia algo que não conseguiu processar, e saiu para rua onde ar frio bateu em rosto com intensidade que pareceu desproporcional a temperatura ambiente mas que corpo registou como alívio, como regresso a capacidade de respirar propriamente.

Caminhou sem direcção durante tempo indeterminado, blocos e ruas a passarem sem ela registar conscientemente trajecto, e eventualmente encontrou-se em parque pequeno que conhecia vagamente mas onde nunca passara tempo significativo, e sentou-se em banco vazio olhando para árvores que balançavam ligeiramente com vento e que deixavam cair folhas ocasionais que rodopiavam no ar antes de pousar no chão.

* * *

Ficou ali tempo indeterminado, talvez meia hora ou talvez duas horas, incapaz de medir passagem de tempo que parecia ter perdido linearidade habitual, e eventualmente pegou em telemóvel e olhou para ecrã onde tinha três chamadas perdidas de Miguel e duas mensagens dele a perguntar onde estava e se estava bem, e não respondeu porque não sabia o que dizer, porque não conseguia formular resposta que fizesse sentido quando própria não sabia o que estava a acontecer para além de sensação crescente de que algo fundamental tinha mudado irreversivelmente.

Abriu email e viu mensagem de Carlos enviada dia anterior com assunto "Documentação final Vela" e anexo em PDF que continha todos os detalhes administrativos e contratuais que precisava de ter resolvidos antes de mudança, e olhou para aquele documento que representava futuro que tinha aceite e que agora a duas semanas de se tornar realidade concreta parecia completamente irreal, completamente desconectado de qualquer vontade verdadeira, construção inteira assente em fundação de conformidade e de medo de decepcionar expectativas que nunca tinha questionado suficientemente para verificar se eram expectativas que queria cumprir.

E percebeu, sentada naquele banco em parque anónimo de cidade que estava prestes a deixar para ir viver em outra cidade que não escolhera verdadeiramente mas apenas aceitara porque parecia escolha correcta segundo critérios externos, que não podia assinar aquele contracto, que não podia ir para Vela, que não podia continuar a viver vida construída sobre respostas automáticas a expectativas alheias sem nunca ter parado tempo suficiente para perguntar o que queria verdadeiramente, mesmo que resposta fosse "não sei" ou "nada" ou qualquer coisa igualmente aterradora na sua ausência de clareza.

Telefone vibrou novamente. Miguel. Desta vez atendeu.

— Onde estás? — perguntou ele, e havia preocupação genuína na voz que Sara não esperava ouvir e que a comoveu de forma que não conseguiu processar completamente.

— No parque — disse. — Preciso... preciso de pensar.

— Sobre o quê?

Pausa longa. Muito longa.

— Sobre tudo — respondeu finalmente. — Sobre Vela. Sobre nós. Sobre... tudo.

Silêncio do outro lado, e depois Miguel disse com suavidade surpreendente:

— Queres que vá ter contigo?

E Sara percebeu que aquela era oferta genuína, que pela primeira vez em tempo indeterminado Miguel estava a oferecer presença verdadeira não apenas proximidade física conveniente, mas percebeu também que não era isso que precisava, que precisava de estar sozinha para confrontar o que acabara de perceber sem precisar de gerir reacções ou expectativas de outra pessoa.

— Não — disse. — Mas obrigada. Volto para casa daqui a bocado.

Desligou antes que ele pudesse responder, e ficou ali sentada mais algum tempo, e depois levantou-se e começou a caminhar de volta em direcção a casa, mas caminhada era diferente agora, mais lenta, mais consciente, porque algo tinha mudado definitivamente e irreversivelmente, véu tinha caído, e debaixo dele não havia resposta clara ou solução óbvia, apenas reconhecimento brutal de que tinha construído vida inteira sobre conformidade sofisticada que confundira com escolha, e que agora precisava de aprender pela primeira vez como identificar o que queria verdadeiramente mesmo que processo fosse doloroso e desorientador e potencialmente destruísse tudo o que tinha construído.

PARTE VI

Sara não voltou ao trabalho na segunda-feira. Ligou a Carlos às oito da manhã, hora em que ele habitualmente chegava ao escritório e verificava emails antes de reuniões começarem, e disse com voz que tentou manter firme mas que saiu ligeiramente trémula que precisava de alguns dias, que não se sentia bem, que tinha médico agendado, todas essas frases socialmente aceitáveis que serviam para comunicar ausência sem exigir especificação de natureza de problema que podia ser física ou emocional ou ambas e que pessoas educadas não questionavam directamente.

Carlos demonstrou preocupação protocolar e disse que não havia problema, que cuidasse de si, que trabalho podia esperar, e Sara desligou antes que ele pudesse fazer mais perguntas ou oferecer ajuda que não saberia como recusar sem parecer ingrata ou estranha, e depois desligou telefone completamente para evitar chamadas de colegas ou mensagens de Marta que inevitavelmente perguntaria o que se passava com insistência gentil mas firme que Sara não tinha energia para gerir.

Passou aquele dia e os dois seguintes maioritariamente em casa, sozinha porque Miguel tinha ido trabalhar como sempre fazia, e não fez nada de produtivo segundo definições convencionais de produtividade, não avançou com preparativos de mudança que tinham cronograma apertado, não respondeu a emails que se acumulavam, não organizou nem planeou nem executou, apenas existiu em estado de suspensão que era simultaneamente paralisante e estranhamente libertador porque pela primeira vez em tempo indeterminado não estava a cumprir expectativas ou a executar papel, estava simplesmente presente consigo mesma sem agenda externa que ditasse como deveria usar tempo ou energia.

Leu parte de livro que estava na estante há meses sem nunca ter sido aberto, não porque história fosse particularmente interessante mas porque ocupava mente suficientemente para evitar circularidade obsessiva de pensamentos, e depois largou livro a meio porque concentração se desvanecia e olhou pela janela durante períodos longos sem pensar em nada específico, apenas observando movimento de árvores e nuvens e pessoas que passavam na rua com vidas que pareciam ter direcção e propósito que ela não conseguia identificar na própria.

Miguel tentou algumas vezes iniciar conversas sobre o que se passava, o que ela estava a sentir, o que pensava fazer em relação a Vela cujo prazo de mudança se aproximava inexoravelmente, mas Sara não tinha respostas articuladas para dar, apenas versões diferentes de "não sei" que Miguel eventualmente parou de questionar porque percebeu que pressão apenas criava tensão sem produzir clarificação, e instalou-se entre eles espécie de trégua tácita onde ele ocupava espaços da casa sem exigir interacção e ela fazia o mesmo, coexistência paralela que era versão amplificada do padrão que já praticavam há anos mas que agora tinha qualidade diferente, menos confortável, mais consciente, como se ambos soubessem que estavam em momento de transição cujo resultado ainda não estava determinado.

Helena telefonou na terça-feira e Sara atendeu depois de hesitar longamente, e Helena não fez perguntas directas apenas disse que estava preocupada, que queria ajudar, que se Sara precisasse de falar ou de companhia ou de qualquer coisa estava disponível, e Sara agradeceu com voz embargada que não conseguiu completamente controlar e prometeu ligar em breve, e Helena não insistiu mas antes de desligar disse baixinho: "Estou aliviada que tenhas parado, filha. Era altura" — e aquela aprovação inesperada fez lágrimas finalmente começarem a cair, não soluços dramáticos mas choro silencioso e prolongado que parecia libertar algo que estava comprimido há demasiado tempo.

* * *

Na quarta-feira à noite Miguel chegou a casa mais cedo do que habitual, às sete em vez das nove, e encontrou Sara sentada no sofá com portátil fechado ao lado e olhar vago fixo em televisão desligada, e sentou-se ao lado dela não imediatamente ao lado mas suficientemente perto para indicar intenção de proximidade, e ficaram assim algum tempo em silêncio que não era hostil mas que tinha peso de expectativa, de conversa que precisava de acontecer mas que nenhum dos dois sabia como iniciar.

— Não vou para Vela — disse Sara finalmente, cortando silêncio com declaração que saiu mais firme do que esperava, como se decisão tivesse cristalizado durante dias de suspensão sem ela registar conscientemente processo de cristalização.

Miguel não respondeu imediatamente, e Sara virou-se para olhar para ele e viu expressão que combinava surpresa moderada com algo que poderia ser alívio ou poderia ser preocupação ou ambos, difícil distinguir em luz fraca de sala onde apenas candeeiro de canto estava aceso projectando sombras suaves.

— Tens a certeza? — perguntou finalmente, e tom era neutro, cuidadoso, sem pressão visível para influenciar decisão em qualquer direcção.

— Não — respondeu Sara honestamente. — Não tenho certeza de nada. Mas tenho certeza de que aceitar Vela da forma como aceitei, sem verdadeiramente saber se queria, apenas porque parecia escolha correcta segundo expectativas externas, seria erro. Seria repetir padrão que percebo agora que segui vida inteira e que preciso de quebrar mesmo que quebrar seja assustador e desorientador.

Miguel acenou devagar, processando, e Sara continuou porque palavras começavam a fluir agora que comporta se abria:

— Vivi sempre a responder. A responder ao que pais esperavam, ao que sociedade esperava, ao que empregadores esperavam, ao que tu esperavas ou ao que eu pensava que esperavas. Nunca parei tempo suficiente para perguntar o que EU queria para além dessas expectativas, e construí vida inteira que funciona perfeitamente em papel mas que quando paro para sentir verdadeiramente percebo que está completamente vazia, que não tem substância para além de cumprimento de critérios externos.

Fez pausa, respirou fundo, e disse algo que tinha estado a formar-se durante dias mas que só agora conseguia verbalizar completamente:

— E nós... o que somos nós, Miguel? Quando foi a última vez que tivemos conversa verdadeira, que partilhámos algo real, que nos tocámos não apenas funcionalmente mas com afecto genuíno? Vivemos juntos há quinze anos mas não sei se te conheço verdadeiramente, não sei se tu me conheces, e comecei a suspeitar que continuámos juntos não porque nos amamos mas porque separar exigiria decisão activa enquanto continuar apenas exigia inércia.

Esperava que Miguel se defendesse, que protestasse, que argumentasse que havia amor mesmo que não demonstrado ostensivamente, mas ele ficou em silêncio durante tempo que pareceu muito longo, e quando falou voz saiu baixa, cansada, sem raiva:

— Tens razão.

E aquela concordância simples e não defensiva era simultaneamente libertadora e devastadora porque confirmava o que Sara suspeitava mas ainda esperava secretamente estar errada, confirmava que relação que tinham

construído durante década e meia era estrutura oca mantida por conveniência e hábito mas não por conexão verdadeira.

— Não sei quando deixou de haver... algo — continuou Miguel, olhando para mãos cruzadas sobre joelhos. — Talvez nunca tenha havido tanto quanto pensávamos ou quanto fingíamos que havia. Conhecemo-nos, pareceu fazer sentido estar juntos, casámos porque era próximo passo lógico, comprámos casa, construímos vida funcional, e nunca parámos para verificar se havia substância verdadeira debaixo da funcionalidade.

Silêncio instalou-se novamente, mas tinha qualidade diferente agora, não era silêncio que evitava verdade mas silêncio que processava verdade finalmente verbalizada, e Sara sentiu estranha mistura de tristeza e alívio porque fim de algo mesmo que esse algo já estivesse essencialmente morto há tempo era sempre triste mas era também libertador admitir finalmente em voz alta em vez de continuar a fingir.

— O que fazemos agora? — perguntou Miguel, e pergunta não tinha resposta óbvia porque ambos estavam em território desconhecido onde scripts sociais estabelecidos não forneciam orientação clara.

— Não sei — disse Sara. — Mas acho que não podemos continuar assim. Acho que seria melhor para ambos... separar. Realmente separar, não apenas continuar a viver vidas paralelas partilhando mesmo espaço físico.

Miguel acenou devagar, e Sara viu algo passar pelo rosto dele que poderia ser dor ou poderia ser alívio ou provavelmente ambos porque fim de relação mesmo quando inevitável e necessário era sempre processado com emoções complexas e contraditórias.

— Vou procurar apartamento — disse ele finalmente. — Dou-te tempo para organizar tudo aqui, não quero criar pressão adicional quando já estás a lidar com tanto.

E aquela consideração prática e gentil era típica de Miguel, era forma como sempre funcionara, sempre competente e educado mesmo em momentos difíceis, e Sara sentiu onda súbita de afecto por ele não como parceiro romântico mas como pessoa decente que tinha partilhado período significativo de vida com ela mesmo que partilha tivesse sido mais superficial do que ambos tinham fingido durante demasiado tempo.

* * *

Na manhã seguinte Sara ligou a Helena e disse sem preâmbulo porque preâmbulo apenas atrasaria inevitável:

— Não vou para Vela. E o Miguel e eu vamos separar-nos.

Esperava shock ou desaprovação ou pelo menos surpresa, mas Helena apenas respirou fundo e depois disse com voz que tinha qualidade estranha, mistura de tristeza e algo próximo de orgulho:

— Como te sentes em relação a isso?

E Sara percebeu que aquela era pergunta que ninguém mais lhe tinha feito, todos tinham assumido ou questionado decisões mas ninguém tinha perguntado simplesmente como se sentia, e descobriu que tinha resposta:

— Assustada — disse honestamente. — Muito assustada. Não sei o que vou fazer, não sei quem sou sem estruturas que construí, não sei como identificar o que quero porque passei tanto tempo a não perguntar que capacidade se atrofiou. Mas também... aliviada. Pela primeira vez em não sei quanto tempo sinto que estou presente na própria vida em vez de apenas a executar automaticamente.

— Estou orgulhosa de ti — disse Helena, e voz estava embargada. — Sei que não parece, sei que estás em momento muito difícil e incerto, mas estou genuinamente orgulhosa de teres tido coragem de parar e de confrontar o que não estava bem em vez de continuar a fingir indefinidamente como tanta gente faz, como eu própria fiz durante demasiados anos.

— Tiveste? — perguntou Sara, captando subtexto que nunca tinha reparado antes.

— Tive — confirmou Helena. — Não da mesma forma que tu, mas tive. E olho para trás e vejo todos os anos que passei a viver vida que era suposta em vez de vida que queria, e fico contente que tenhas percebido isso mais cedo do que eu percebi, que tenhas dado a ti mesma oportunidade de reconstruir enquanto ainda tens tempo e energia para isso.

Conversaram mais algum tempo, e quando desligaram Sara sentiu algo que não conseguia nomear completamente mas que era próximo de esperança misturada com medo, sensação de estar em precipício entre vida antiga que já não funcionava e vida nova que ainda não sabia como construir mas que pela primeira vez parecia possibilidade real em vez de apenas fantasia abstracta.

* * *

Naquela noite quando Miguel chegou a casa Sara estava na cozinha a preparar jantar, algo simples que não exigia muito esforço mas que representava tentativa de criar normalidade temporária em meio a caos de transição, e ele entrou e em vez de ir directamente para sofá como fazia habitualmente ficou parado na entrada da cozinha e perguntou:

— Como foi o teu dia?

E pergunta era idêntica à que fazia todas as noites há anos, mesmas palavras exactas, mas tom era diferente agora, tinha qualidade de pergunta genuína em vez de ritual protocolar, como se estivesse verdadeiramente interessado em resposta em vez de apenas cumprir script social.

Sara virou-se para olhar para ele e viu que ele estava realmente presente, realmente ali, realmente à espera de resposta verdadeira, e percebeu que proximidade de fim tinha criado paradoxalmente espaço para honestidade que nunca existira durante relação, que ambos finalmente podiam ser verdadeiros um com outro precisamente porque já não havia investimento em manter ilusão de relação funcional.

— Foi difícil — respondeu honestamente. — Liguei ao Carlos e disse que não posso aceitar Vela. Foi... uma das conversas mais difíceis que tive.

Miguel acenou, e havia compreensão genuína na expressão dele.

— Como reagiu?

— Surpreendido. Desapontado. Mas menos crítico do que temia. Disse que compreendia que circunstâncias pessoais às vezes mudam e que respeitava decisão mesmo que criasse complicações operacionais para empresa.

— E tu? — perguntou Miguel. — Como te sentes?

— Assustada — admitiu Sara. — Mas também... certa. Pela primeira vez em muito tempo sinto que fiz algo porque senti que era correcto para mim, não porque calculei que era escolha racionalmente óptima.

Miguel aproximou-se, e pela primeira vez em meses ou talvez anos tocou-lhe no ombro com gesto que era afecto genuíno sem expectativa sexual ou manipulação emocional, apenas reconhecimento humano de momento difícil partilhado, e Sara sentiu lágrimas começarem novamente mas não eram

lágrimas de desespero, eram lágrimas de algo que não conseguia nomear completamente mas que tinha a ver com luto por relação que nunca foi o que ambos fingiam e com gratidão por finalmente poderem ser honestos mesmo que honestidade chegasse demasiado tarde para salvar o que quer que tivessem construído juntos.

O QUE ESTE VÉU NÃO NOS DEIXA VER

Há pessoas que constroem vidas inteiras onde nunca quiseram estar. Não por engano. Não por fraqueza. Não por falta de inteligência ou capacidade ou recursos materiais que permitiriam escolher diferente. Por medo de serem vistas a querer outra coisa. Por medo de decepcionar expectativas que interiorizaram tão completamente que já não conseguem distinguir expectativa externa de desejo próprio, comando social de vontade individual, dever de querer.

Constroem casas com arquitetura impecável, cumprem todos os códigos de construção estabelecidos, escolhem materiais adequados e duráveis, seguem plantas aprovadas por autoridades competentes. E habitam essas casas durante anos ou décadas, mantêm fachadas pintadas e jardins cuidados, recebem visitas que elogiam bom gosto e funcionalidade.

Mas nunca transformam estrutura em abrigo verdadeiro porque abrigo exigiria que tivessem escolhido localização e orientação e distribuição de espaços segundo critério interno de como queriam viver, não segundo critério externo de como vida deveria ser vivida para cumprir expectativas sociais ou familiares ou profissionais que adotaram sem questionar suficientemente.

E quanto mais tempo passam nessas casas que nunca escolheram verdadeiramente, mais difícil se torna admitir que estão no lugar errado, porque admitir implica confrontar todos os anos investidos em construção e manutenção de estrutura que nunca foi delas, implica reconhecer escala de autoengano sofisticado que praticaram, implica aceitar que perderam tempo que não pode ser recuperado vivendo vida que não era sua.

Por isso continuam. Respondem quando perguntadas se estão bem. Sorriem quando expectativas são cumpridas. Executam papéis com competência

crescente que confundem com realização genuína. Até que algo quebra. Momento banal em café ou conversa trivial ou pergunta simples que subitamente expõe vazio debaixo de toda funcionalidade cuidadosamente construída e mantida. E quando véu cai não há resposta pronta, não há solução óbvia, não há caminho alternativo claramente iluminado à espera de ser seguido.

Há apenas reconhecimento brutal: a ilusão não é o mundo que habitamos, não são circunstâncias que nos limitam, não são pessoas que nos pressionam. A ilusão é acreditar que não temos escolha. Acreditar que vida que construímos respondendo a expectativas e otimizando para aprovação externa é única vida possível, única forma adulta e responsável e madura de existir.

Mas temos escolha. Sempre tivemos. Escolha de perguntar o que queremos antes de calcular o que devemos. Escolha de dizer não sem justificar exaustivamente, sem provar que recusa é racional e defensável segundo critérios externos. Escolha de habitar vida imperfeita e incerta mas genuína em vez de vida impecável mas vazia. Escolha de não saber para onde vamos mas saber que estamos finalmente presentes em movimento próprio, não apenas executando rota programada por outros.

O véu da ilusão não nos deixa ver que responder não é o mesmo que escolher. Que conformidade sofisticada não é o mesmo que viver. Que funcionar não é o mesmo que existir. E quando finalmente vemos, não há volta possível para inocência confortável de não saber.

Há apenas caminho em frente através de território desconhecido onde não sabemos ainda quem somos mas sabemos finalmente, com clareza inquietante e libertadora, quem já não queremos fingir ser.

SOBRE A AUTORA

[INSERIR BIOGRAFIA - 100-150 palavras]

Outros livros da colecção Os Sete Véus:

O Véu do Medo

O Véu do Desejo

O Véu do Controle

O Véu da Culpa

O Véu da Identidade

O Véu da Separação